

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:
DESENVOLVIMENTO REGIONAL E URBANO

**DO ANSEIO DE REALIZAÇÃO ECONÔMICA
ÀS CONTRADIÇÕES DO TURISMO EM CORUPÁ – SC.**

GILIO GIACOMOZZI JÚNIOR

DR. ROLAND LUIZ PIZZOLATTI
ORIENTADOR

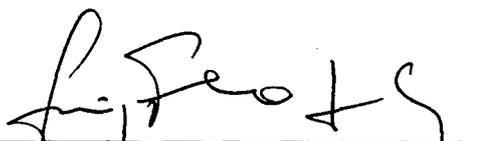
FLORIANÓPOLIS

1999.

"Do anseio de realização econômica às contraditoriedades do turismo em Corupá-SC"

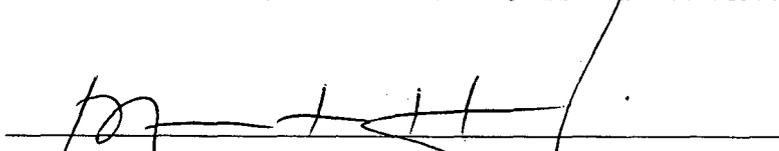
Gilio Giacomozzi Júnior

Dissertação submetida ao Curso de Mestrado em Geografia, área de concentração em Desenvolvimento Regional e Urbano, do Departamento de Geociências do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, em cumprimento aos requisitos necessários à obtenção do grau acadêmico de Mestre em Geografia.

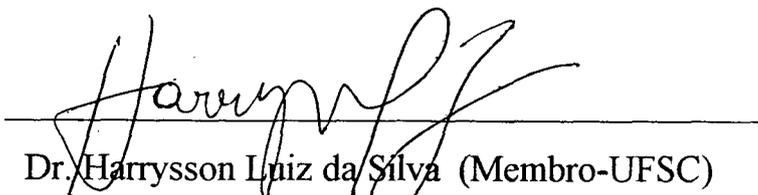


Prof. Dr. Luiz Fernando Scheibe
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia

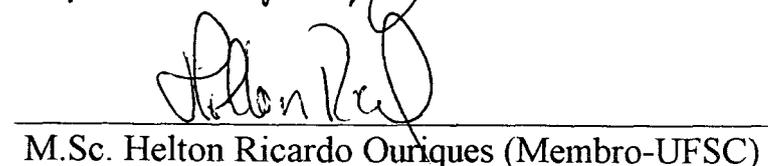
APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM: 31/08/1999



Dr. Roland Luiz Pizzolatti (Orientador-UFSC)



Dr. Harrysson Luiz da Silva (Membro-UFSC)



M.Sc. Helton Ricardo Ouriques (Membro-UFSC)

Florianópolis - 1999

AGRADECIMENTOS

Em nossas vidas, não raramente nos deparamos com momentos difíceis, nos quais muitas vezes necessitamos de ajuda. Na realização deste trabalho, estiveram envolvidas muitas pessoas, que colaboraram em mais uma etapa de minha vida. A estas pessoas, quero registrar os meus mais sinceros agradecimentos:

- A Deus, por todo o amor e paciência dado a todos os envolvidos, pela luz e força que nos dá.

- A meus pais e avós, pelo incentivo emocional e material.

- A minha esposa, pelo carinho, compreensão e colaboração.

- Ao amigo e orientador Roland Luiz Pizzolati, pelos estímulos sem os quais eu não poderia ter realizado este trabalho.

- A todos os entrevistados, que contribuíram para a coleta de dados com muita paciência.

- Ao Prefeito Municipal Luiz Carlos Tamanini e ao Secretário do Turismo, Agricultura e Meio Ambiente Aldo Sell, pela atenção e colaboração.

- Ao CNPq e UFSC, pelo auxílio financeiro.

- Enfim, a todos os professores e servidores, que estiveram presentes nesta minha caminhada acadêmica.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	III
LISTA DE FIGURAS E MAPAS.....	V
LISTA DE TABELAS.....	V
LISTA DE GRÁFICOS.....	V
LISTA DE FOTOS.....	VI
RESUMO.....	VII
RÉSUMÉ.....	VIII
1 – Introdução.....	01
2 – Comentários de Interesse Histórico / Geográfico.....	15
3 – O Potencial Existente.....	23
3.1 – Os Potenciais Locais.....	24
3.2 – O Potencial nos Municípios Vizinhos.....	38
4 – O Turismo como Atividade Econômica Viável?.....	42
4.1 – Dados Recentes sobre o Turismo.....	43
4.2 – As Contraditoriedades.....	53
4.3 – O Papel do Estado.....	64
5 – Reflexões sobre o Local de Estudo.....	68
5.1 – O Perfil dos Turistas.....	69
5.2 – A Opinião da População Local.....	80
5.3 – As Entidades Privadas.....	81
5.4 – O Poder Público.....	88
6 – Considerações Finais.....	97
7 – Referências Bibliográficas.....	105
8 – Bibliografia	109

LISTA DE FIGURAS E MAPAS

Figura 01 – O Encolhimento do Mundo, Frente às Inovações Tecnológicas.....	07
Mapa 01 – Contextualização da Área de Estudo.....	16
Mapa 02 – O Caminho dos Príncipes.....	17
Mapa 03 – Localização dos Potenciais Turísticos em Corupá.....	25

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Quarenta Maiores Países do Mundo para os Quais se Dirigem os Turistas.....	48
Tabela 02 – Quarenta Maiores Países que Mais Ganham com o Turismo.....	49

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Mudança no Percentual Global de Chegadas de Turistas, 1989 – 1998.....	44
Gráfico 02 – Mudança Percentual de Chegadas Turísticas Globais por Região de Destino, 1997/98.....	45
Gráfico 03 – Mudança Percentual de Receita Turística Global por Região de Destino, 1997/98.....	46
Gráfico 04 – Tempo de Permanência dos Visitantes.....	70
Gráfico 05 – Procedência dos Turistas.....	70
Gráfico 06 – Meios de Divulgação.....	74
Gráfico 07 – Idade dos Turistas por Faixa Etária.....	76
Gráfico 08 – Renda dos Visitantes por Faixa de Salário.....	78

LISTA DE FOTOS

Foto 01 – O Orquidário Catarinense.....	26
Foto 02 – Seminário Sagrado Coração de Jesus.....	28
Foto 03 – Piscina de Águas Naturais.....	29
Foto 04 – Morro do Boi.....	31
Foto 05 – Cachoeira Véu de Noiva.....	32
Foto 06 – Morro da Igreja.....	33
Foto 07 – Vista Parcial do Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella....	35
Foto 08 – Hotel Tureck Garten.....	72
Foto 09 – Os Serviços de Alimentação.....	73
Foto 10 – O Patrimônio Arquitetônico.....	83
Foto 11 – Estruturas no Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella	90
Foto 12 – As reivindicações dos Turistas.....	93

RESUMO

Analisaremos neste trabalho, como o turismo, embora incipiente, vem provocando modificações espaciais em Corupá/SC. Objetivando compreender essas mudanças espaciais que se processam no município, frente ao incremento do turismo, procuraremos investigar os reflexos desta atividade no processo de organização espacial local. Utilizamos, neste trabalho, uma visão reflexiva do turismo, não sendo extremista a ponto de condená-la totalmente nem tampouco defendê-la como a atividade econômica ideal que irá resolver todos os nossos problemas. Para tanto, achamos importante uma reflexão sobre os temas espaço e turismo.

Efetuamos um breve resgate histórico das atividades ligadas ao turismo, procurando relacioná-las com a agricultura, principal atividade econômica do município. Avaliamos, também, a infra-estrutura existente, assim como o potencial do município, a fim de verificar se os mesmos atendem à demanda existente. Com o auxílio de questionários, traçamos um perfil dos visitantes, identificando, o tipo de visitante, suas opiniões acerca do turismo, deficiências encontradas, entre outras informações.

Através de entrevistas com o poder público local e comerciantes ligados diretamente a nova atividade - turismo -, procuramos conhecer suas opiniões a respeito do papel da Prefeitura e desta nova atividade econômica que vem surgindo no município. Enfim, esperamos que o presente trabalho possa servir de alertar para as contradições existentes no turismo; para a importância do planejamento prévio do turismo; e, que a população local possa encontrar nesta atividade econômica uma alternativa de renda.

RÉSUMÉ

Dans ce travail, nous analyserons comment le tourisme, bien qu'il ne soit qu'embryonnaire, provoque des modifications sur l'espace à Corupá/Santa Catarina. Nous avons pour objectif de comprendre les changements spatiaux qui sont en train de se produire dans la commune, nous chercherons à comprendre les impacts de cette activité sur le processus de l'organisation spatiale locale. Nous adoptons, dans ce travail, une vision analytique sur le tourisme, sans, toutefois, être extrémiste, au point de le condamner totalement, ni de le défendre comme activité économique idéale qui résoudra tous nos problèmes. A cette fin, nous trouvons important de réfléchir sur les thèmes: espace et tourisme.

Nous ferons un bref rappel historique des activités liées au tourisme, en cherchant à les mettre en relation avec l'agriculture, principale activité économique de la commune. Nous réaliserons aussi, une estimation de l'infrastructure existante et du potentiel de la commune afin de vérifier si ceux-ci correspondent à la demande existante. En nous appuyant sur des questionnaires, nous allons brosser le profil des visiteurs pour identifier quel est le visiteur type, quelles sont ses idées sur le tourisme, quelles furent les difficultés rencontrées, entre autres informations.

En nous entretenant avec des élus locaux et des commerçants directement liés à cette nouvelle activité nous avons cherché à connaître leurs opinions, sur le rôle de la Mairie et sur cette nouvelle activité économique qui apparait dans la région. Enfin, nous espérons que ce travail puisse alerter sur les dysfonctionnements existants dans le tourisme et sur l'importance d'une planification préalable du tourisme et que la population locale puisse trouver dans cette activité économique une possibilité de revenus.

1 - INTRODUÇÃO

A idéia principal deste trabalho está embasada no estudo das mudanças espaciais que vêm ocorrendo, a partir da introdução e crescimento do turismo. Para isso, teremos como nosso recorte espacial o município de Corupá/SC. Entretanto, estamos cientes que este estudo não se resume somente ao observável em nossa área de estudo, mas faz parte de um todo e sofre influências externas.

Tendo em vista o alvorecer recente desta nova atividade econômica no município, procuraremos alertar para os discursos apologéticos que não raramente nos iludem, nos quais vislumbramos como a “grande saída econômica” ou “a solução para todos os nossos problemas financeiros”.

Com o intuito de minimizar os impactos causados pelo turismo e não com o propósito de os solucionarmos, pois achamos isso um tanto utópico, desenvolvemos um trabalho com questionamentos e reflexões acerca da temática ligada a espaço e turismo. Queremos deixar claro não ser este um trabalho que visa condenar a ação turística, porém, também não podemos assentir que ele seja visto como uma atividade capaz de gerar apenas benefícios. Para viabilizar nosso entendimento, consideramos conveniente fazer alguns comentários que, possivelmente, nos auxiliarão no planejamento e organização do turismo.

Devemos considerar o turismo como uma atividade econômica complementar que poderá ser vista, por parte da população de Corupá, como uma alternativa de trabalho e solução parcial de seus problemas econômicos. Essa atividade não deve ser vista como um fim em si mesma.

Buscaremos, assim, analisar a dinâmica do espaço turístico através dos processos sociais que o produziram e que o reproduzem.

Para isso, consideramos imprescindível a introdução do leitor aos conceitos de espaço e turismo para que haja uma melhor compreensão dos temas a serem trabalhados, bem como para o nosso próprio aprimoramento. Mesmo assim, não pretendemos fazer uma conceituação ampla e definitiva do que seja espaço e turismo.

Como nas demais ciências sociais, o objeto de estudo da geografia é a sociedade. No entanto, esta ciência estuda a sociedade através do espaço produzido pelo homem, conforme observamos em CORRÊA (1990: 52): *“A objetivação do estudo da sociedade pela geografia faz-se através de sua organização espacial, enquanto as outras ciências sociais concretas estudam-na através de outras objetivações”*.

O autor enfocado coloca que a análise da sociedade se faz por diversos ângulos, ou seja, o mesmo objeto é estudado de formas diferentes. Isso não implica uma compartimentação, onde as ciências possuam seus próprios objetos, separando-se assim, uma das outras.

Visto que o trabalho procura auxiliar a sociedade local, não poderíamos deixar de comentar ainda sobre o dualismo existente na geografia, no qual a disciplina se vê dividida por uma geografia chamada física e outra geografia dita humana. Para tanto, concordamos com diversos autores que se posicionam a favor de uma geografia preocupada com o social. No entanto, o estudo do físico, assim como do humano, por si mesmos, não possuem sentido se não admitirmos primeiramente a

existência do social, ou seja, o que seria da geografia física e humana se não existissem os homens?

Os autores SILVA (1991), assim como SANTOS (1994), falam no “binômio homem – meio” que a geografia traz em sua estrutura e que evoluiu em dois sentidos: 1) considerar que o homem é fruto do que o meio determina. 2) o homem agindo sobre o meio e transformando-o. Isto é, um ponto de vista biológico e um ponto de vista social. Assim, nossa pesquisa analisa o processo de transformação que vem ocorrendo no espaço, sob a óptica social, onde o homem através do seu trabalho, modifica o espaço.

Portanto, como nas demais ciências sociais, a geografia estuda a sociedade. Para tanto, analisa a organização espacial, ou seja, o espaço é um dos conceitos de maior valência e muito discutido nesta ciência.

Segundo CORRÊA (1990), a partir das necessidades do homem, este passa a transformar a “natureza primitiva” em “segunda natureza” (expressão utilizada por MARX), ou seja, utiliza-se da “primeira natureza”, a natureza primitiva, para suprir suas necessidades de alimentação, vestimenta entre outras. À medida que a sociedade cresce, ampliam-se as necessidades do grupo, surgindo assim as primeiras divisões de tarefas, passando, então, a existir uma primeira organização do trabalho. Defini-se, portanto, o quê, quanto e como será a produção. Esse trabalho social passa a estabelecer relações entre os homens e, destes, com a natureza, inseridos em um processo histórico temporal.

A interferência do homem na natureza, transformando-a em “segunda natureza”, pode ser ilustrada através da construção dos campos de cultivo, redes viárias, fábricas, casas, edifícios entre outras formas dispostas e

organizadas sobre a superfície terrestre, de acordo com alguma lógica. Segundo CORRÊA (1990), é o conjunto destas formas que compõe a organização espacial da sociedade. Ele esclarece, ainda, que o termo organização espacial pode ser entendido como estrutura territorial, configuração espacial, espaço geográfico, espaço socialmente produzido, espaço, assim como outros termos eqüivalentes.

Ao observarmos o espaço geográfico, inicialmente, torna-se importante ressaltar que o mesmo é produzido através do trabalho social por um grupo de pessoas capazes de imprimir características específicas neste espaço. Entretanto, o trabalho social vai além de uma geração, passando a ser vivenciado e modificado por grupos sociais posteriores que irão (re) produzir esse espaço. Essa (re) produção do espaço pode se dar através da transmissão do saber formal ou informal, bem como pela própria organização espacial, conforme CORRÊA (1990:55):

“Ao fixar no solo os seus objetos, frutos do trabalho social e vinculados às necessidades, um grupo possibilita que as atividades desempenhadas por estes alcancem um período de tempo mais ou menos longo, repetindo, reproduzindo as mesmas. Nestas condições, o grupo social se reproduz, porque a reprodução das atividades ligadas às suas necessidades viabiliza o próprio. A organização espacial, ou seja, o conjunto de objetos criados pelo homem e dispostos sobre a superfície da Terra, é assim um meio de vida no presente (produção), mas também um condição para o futuro (reprodução)”.

Esta condição para o futuro, assinalada pelo o autor, refere-se ao espaço e às formas nele impressas, que o homem procura entendê-las. Baseado em experiências de seus antecessores, o homem pode recriar este espaço e muitos outros, atendendo às suas novas necessidades.

As necessidades do homem, por mais básicas que sejam, também são, de certa forma, produzidas socialmente. Acreditamos, como MARX (1987), que a necessidade de satisfazer a fome, comendo alimentos crus com as mãos, difere da forma que nos saciamos com alimentos cozidos, comendo-os em uma mesa com garfo e faca. Essas necessidades são, inicialmente, criadas pelos homens. Atualmente, muitas necessidades são trazidas à sociedade pelo modo de produção capitalista, preocupado somente com seu acúmulo e reprodução.

Sabemos que o homem sofre alienação no trabalho com a exploração, ou seja, o trabalhador não tem direito de definir como e quando vai trabalhar. Ele está preso a horários determinados pelo patrão. Além do patrão não pagar integralmente as horas de trabalho, apropria-se de parte daquilo que o trabalhador produziu.

Acreditamos que, além da perda do usufruto ou posse de um bem ou direito pela venda, o homem ainda pode estar sujeito a outras formas de alienação. Por exemplo, o consumo e o lazer, podem ser dirigidos pelo capital e condicionados a fazer o que nos é mandado ou a seguir modismos. Com isso, podemos comprar uma biblioteca inteira sem apreciarmos a leitura ou comprarmos um carro novo somente porque o “design” mudou, ou ainda porque um produto novo se mostra “indispensável”. Já no lazer, uma

propaganda bem montada orienta as escolhas e os modismos, manipulando os nossos gostos e programas. As campanhas publicitárias captam os desejos de liberdade reprimida e procuram vender uma imagem paradisíaca do ser humano sobre a Terra. A esse respeito, assim se expressa RODRIGUES (1997: 90).

“A insatisfação nascida do quadro de vida urbano é exacerbada, vendendo-se o espaço turístico como o paraíso. A necessidade latente do retorno aos modos de vida, ditos naturais, é captada pelas campanhas publicitárias que tentam vender a residência secundária como um retorno à natureza e ao seu desejado usufruto”.

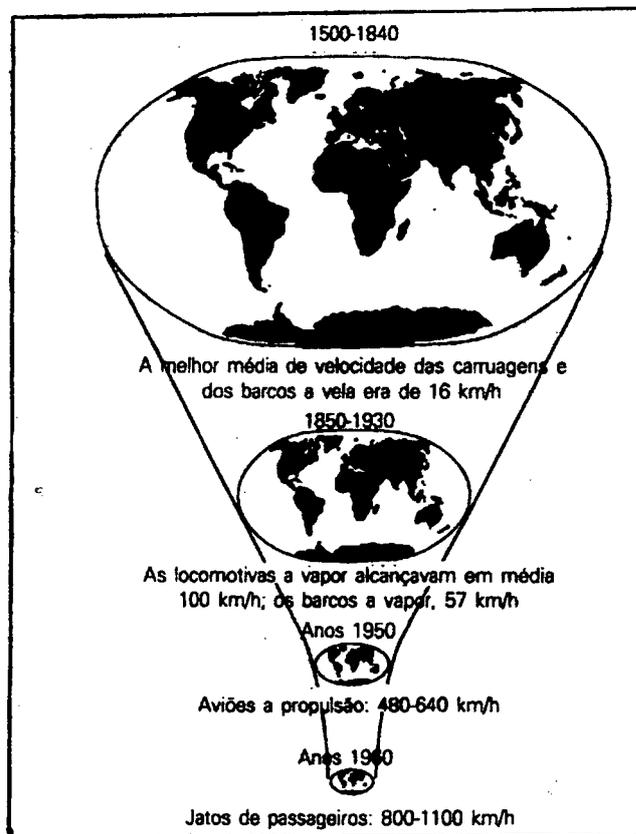
O turismo segue essa linha de orientação e manipulação, como uma forma de amenizar a brutalidade sofrida no trabalho. O sistema capitalista procura proporcionar ao trabalhador um momento de lazer, orientando-o a tomar suas decisões, influenciando-o a escolher determinados lugares para visitar e, conseqüentemente, gastar seu dinheiro onde o regime lhe indicar.

Com as diversas conquistas trabalhistas, os trabalhadores foram acumulando horas livres, impulsionando cada vez mais o crescimento desta atividade que, segundo diversos autores (KRIPPENDORF: 1989, PAIVA: 1995, CASTELLI: 1990), tem significativa expressão não somente no campo econômico, como também no campo social.

Outro fator impulsionador desta atividade econômica, foram os avanços tecnológicos que ligaram países e continentes em uma “aldeia

global”. As constantes inovações no setor de transportes e comunicação fizeram com que as várias partes do mundo se tornassem cada vez mais acessíveis, rompendo as barreiras temporais e espaciais. Isso é muito bem ilustrado por HARVEY (1989: 220) em seu trabalho – *Condição Pós Moderna* (Figura 01).

Figura 01 – O Encolhimento do Mundo Frente às Inovações Tecnológicas



Fonte: David Harvey, (1989: 220)

O turismo, no limiar do século XXI, tem figurado como um dos fenômenos mais marcantes do mundo contemporâneo, modificando e

consumindo espaços. Em nível mundial, observa-se que diversos autores tais como GEIGER (1999), CASTELLI (1990), PAIVA (1995), entre outros, estão de acordo que o turismo tenha adquirido seu impulso mais expressivo após a Segunda Guerra Mundial. No entanto, cabe ressaltar que o turismo remonta a tempos anteriores. CASTELLI (1996: 11), depois de afirmar que as viagens do homem no decorrer da sua história foram movidas por interesses econômicos, políticos e militares, constatou que estas também eram realizadas com fins turísticos. Conclui, portanto que a “...viagem turística não é, pois, um privilégio da sociedade industrial”. O autor aponta alguns centros turísticos como as cidades de Pompéia, Jerusalém, Roma, San Tiago de Compostela e Meca, entre muitas outras.

Se passarmos do âmbito internacional para o caso do Brasil, notamos que o impulso maior passou a ser dado após a década de 50. Com o governo de Juscelino Kubitschek, ampliou-se a malha viária nacional e a indústria automobilística. O turista passou a ter novos caminhos e meios de locomoção próprios, ainda que em escala reduzida.

No Estado de Santa Catarina, a atividade turística surgiu através da iniciativa privada. O Poder Público começou a participar nessa atividade, graças à pressão de grupos econômicos e da impressão negativa pela falta de infra-estrutura. Isso ocorreu em 1961, na gestão do Governador Celso Ramos. No entanto, as ações concretas só foram viabilizadas em 1970, com a realização do I Encontro Estadual do Turismo, momento em que os prefeitos de alguns municípios tiveram a oportunidade de discutir medidas para o desenvolvimento do turismo.

No município de Corupá, a atividade turística passou a ter maior importância a partir de 1989, quando foi criado o Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella. Como o município constitui nosso recorte temático, procuraremos discuti-lo mais adiante.

No que se refere a sua conceituação, o turismo apresenta várias definições. Isso ocorre devido à sua própria dinâmica e complexidade de relações. A esse respeito, PÉREZ (1995:22) afirma:

“La heterogeneidad de las actividades turísticas dificulta una definición uniforme. Un dato significativo es la no adscripción a un solo Ministerio de la actividad turística, por la variedad de campos que contiene y la inclusión en Ministerios diferentes según países”.

Portanto, essa complexidade das atividades turísticas, sua interrelação com os outros setores da economia, juntamente com a falta de órgãos específicos e autônomos de turismo dificultam a sua conceituação. Essa conceituação é complexa, pois deve abranger toda esta heterogeneidade presente em todos os lugares. BARRETO (1997), por exemplo, apresenta dezessete definições de turismo, assinalando, porém, que este fenômeno social tem como características fundamentais, o deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos.

Uma das conceituações definidas pela Organização Mundial do Turismo (OMT), organização responsável pelo desenvolvimento do turismo no mundo, coloca essa atividade como a soma de relações e serviços

resultantes do deslocamento temporário e voluntário dos visitantes por razões que não sejam de negócio ou profissionais.

No entanto, julgamos que a atividade turística vai muito além de um simples deslocamento voluntário e temporário. Concordamos com RODRIGUES (1999:17-18), quando assinala:

“Afinal o que é o turismo além de um fluxo de pessoas? O que é o turismo além de uma atividade econômica? É certamente um fenômeno complexo designado por distintas expressões: uma instituição social, uma prática social, uma frente pioneira, um processo civilizatório, um sistema de valores, um estilo de vida – um produtor, consumidor e organizador de espaços -, uma “indústria”, um comércio, uma rede imbricada e aprimorada de serviços”.

Há, portanto, uma fluidez no que seja turismo e a sua área de atuação, ou seja, não existem fronteiras preestabelecidas. O turismo abrange não só o lugar a ser visitado, como também interfere direta ou indiretamente nos lugares de procedência do turista, bem como no percurso efetuado.

Além da complexidade conceitual de turismo, cabe aqui uma distinção entre este e o lazer. Partindo do princípio de que turismo e lazer não são sinônimos, DUMAZEDIER (1979: 88) afirma: *“O lazer não é uma categoria definida de comportamento social. Todo comportamento em cada categoria pode ser um lazer, mesmo o trabalho profissional...”*

Portanto, o conceito de lazer é subjetivo e pode estar presente em diversas atividades, como por exemplo lavar um carro, jogar futebol, estudar, entre outros, dependendo da vontade do indivíduo. Já o turismo implica movimento de indivíduos ou grupos para fora de sua cidade de residência, a fim de buscar o prazer e/ou por eventos, conferências sempre com um caráter temporário.

O caráter temporário nos leva a uma distinção feita pela Organização Mundial do Turismo (1999: 17), entre turista e visitante de um dia:

“TOURIST: A visitor who stays at least one night in a collective or private accommodation in the country visited”.

“SAME-DAY VISITOR: A visitor who does not spend the night in a collective or private accommodation in the country visited”.

O turista é diferenciado do visitante de um dia, basicamente pelo tempo de permanência no local. Ambos não devem exercer atividade remunerada no município ou país visitado.

O nosso interesse nesta temática é o de refletir e discutir como o turismo pode organizar e reorganizar os espaços, além de ser um alerta às autoridades responsáveis (atuais e futuras). Procuraremos mostrar as contradições existentes nessa nova atividade econômica, bem como a importância do planejamento e participação comunitária não somente nos gastos, mas também na otimização dos lucros e tomadas de decisões.

Acreditamos, como a Organização Mundial do Turismo (OMT), que esta atividade social e econômica não é necessariamente desejável e viável em todas as localidades. Cabe, portanto, um estudo pormenorizado e é esta a nossa proposta. Para tanto, além das pesquisas bibliográficas, foram efetuadas entrevistas com o poder público local e empresários ligados ao ramo do turismo, com a finalidade de perceber como os entrevistados encaram o processo de mudanças espaciais decorrentes da implantação desta nova atividade.

Embora, ainda seja incipiente o processo de reprodução do espaço no município, este deve ser estudado, tendo em vista a perspectiva de um segmento da população em relação à ampliação da atividade turística e à continuidade destas mudanças.

Os dados coletados na área de estudo foram obtidos através de entrevistas e questionários, para servir de objeto de reflexão, juntamente com as pesquisas bibliográficas.

Para maior clareza do processo de obtenção de dados, elencamos aqui, excetuada a pesquisa bibliográfica, as 4 outras etapas de trabalho. A primeira consistiu na aplicação de questionários para turistas e visitantes de um dia e o local escolhido para a aplicação dos mesmos foi o Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella, visto que o maior número de turistas e visitantes de um dia freqüentam aquele lugar.

Efetuamos 180 entrevistas que recobriram perguntas tais como procedência, renda, escolaridade, tempo de permanência no município, número de vezes que visitou o município, forma de conhecimento da existência do parque, deficiências encontradas, ponto de vista em relação ao

turismo, entre outras perguntas. Esta amostragem abrangeu, aproximadamente, 10% dos visitantes que freqüentaram o Parque no mês de fevereiro, ou seja, num dos meses de maior visitação. Visto a inexistência do controle de número de visitantes por parte da prefeitura, o universo pesquisado foi definido através de estimativas feitas pelos guardas vigilantes e proprietários de restaurantes e da barraca de suco, durante as quatro semanas de entrevistas. Como houve repetição das respostas, consideramos dispensável a realização de um maior número de entrevistas.

A segunda etapa também foi efetuada através de 180 questionários, aplicados desta vez à população local. Apesar de fugirmos do rigor da estatística, optamos em entrevistar um número semelhante ao que foi empreendido na primeira etapa, ou seja, com os visitantes. Da mesma forma, houve a repetição das respostas e deixamos de entrevistar um número maior de moradores de Corupá. Quanto às perguntas levantadas, entre outras, foram referentes ao ponto de vista particular em relação ao turismo, locais do município que já havia freqüentado e não freqüentado, deficiências de infra-estrutura e dados positivos observados.

A terceira etapa na coleta de dados compreendeu entrevistas com 11 empresários que se beneficiam diretamente com o turismo. Dado o pequeno número de pessoas ligadas com o turismo, as entrevistas atingiram um percentual em torno de 85% do total. Estas entrevistas procuraram obter informações como: tempo que desempenha esta atividade, serviços oferecidos, faturamento, pessoal empregado, relação da agricultura com o turismo (no caso de desempenhar as duas atividades), existência de

controle dos turistas, ponto de vista a respeito do turismo, deficiências e pontos positivos na área de atuação e outras questões.

A quarta etapa na coleta de dados consistiu em entrevistar o Prefeito Municipal e o Secretário de Turismo, Agricultura e Meio Ambiente. As questões levantadas procuraram verificar: visão dessas autoridades em relação ao turismo, incentivos prestados a essa atividade, projetos atuais e futuros com relação ao turismo, dificuldades encontradas com a atividade turística e prioridades da prefeitura.

Com o Prefeito do município, ainda foram obtidos dados com relação à Associação de Preservação e Ecoturismo "Rota das Cachoeiras e Associação dos Municípios do Vale do Itapocú (AMVALI), das quais é presidente.

A seguir, procuraremos resgatar as origens da atividade turística no município de Corupá/SC, além de localizarmos espacialmente nossa área de estudo.

2 – COMENTÁRIOS DE INTERESSE HISTÓRICO / GEOGRÁFICO

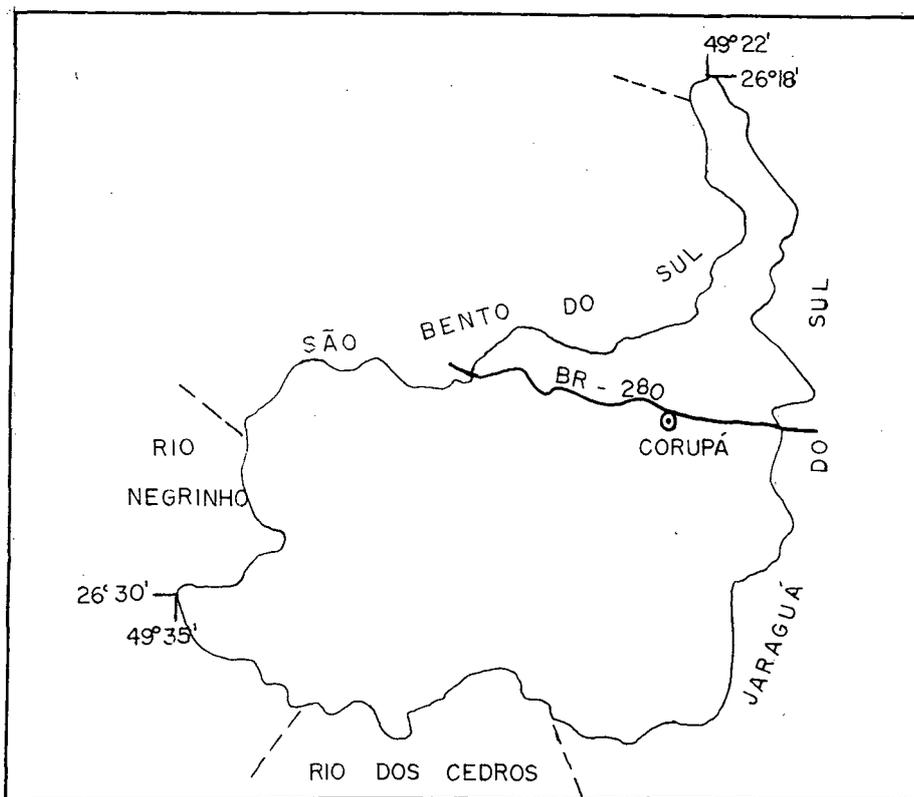
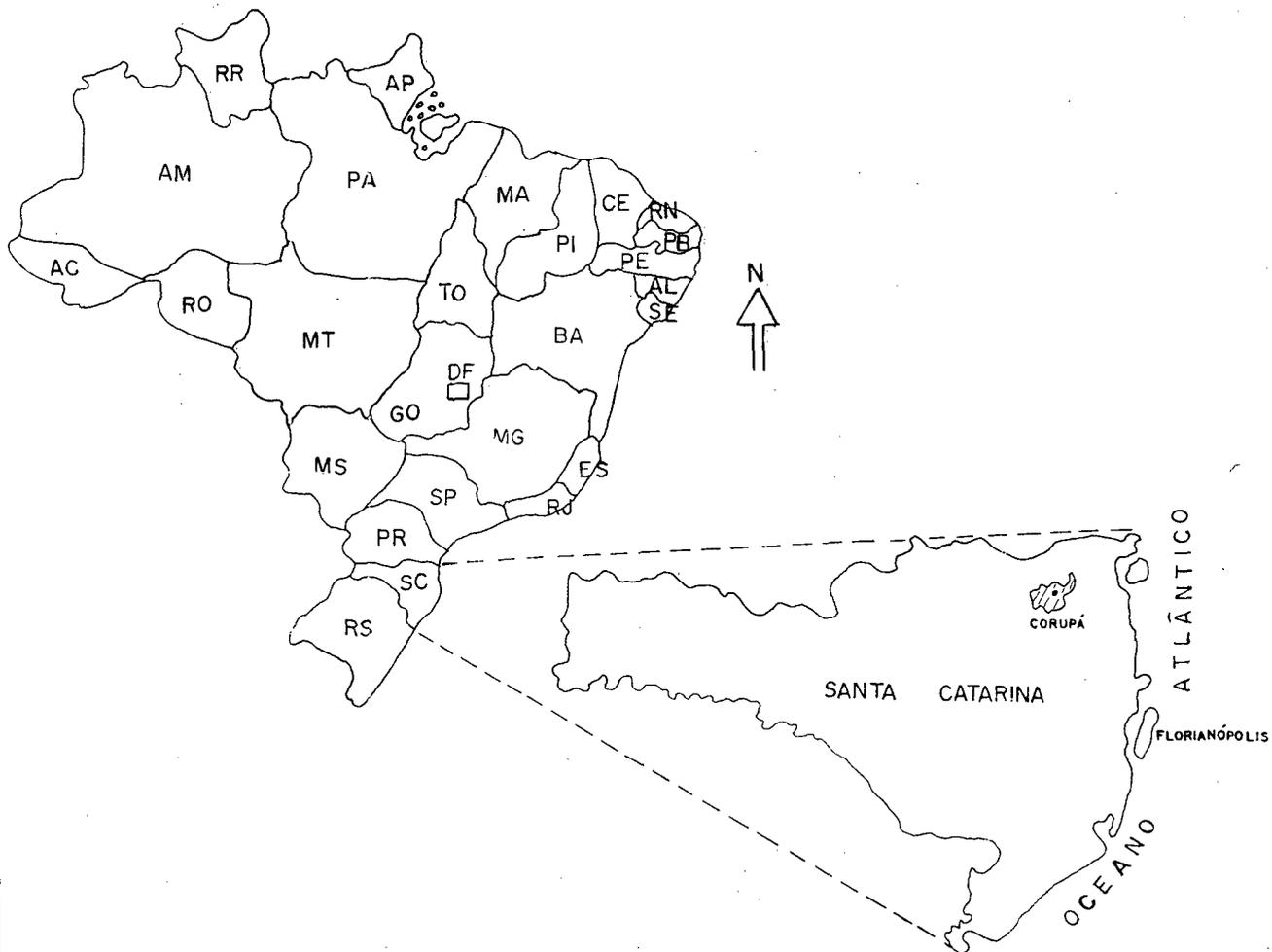
Para estudarmos as mudanças espaciais, é importante sabermos que estas não se encerram naquele determinado espaço. A materialidade e o construído podem ter sua espacialidade, mas as relações inclusas nesses resultados estão presentes e vêm de diferentes lugares.

Iniciaremos, caracterizando os aspectos históricos e geográficos do município estudado, sabendo que este está inserido em uma totalidade e não pode ser separado desta. Faremos, portanto, no decorrer do trabalho análises e propostas que envolvem municípios vizinhos.

Em estudo desenvolvido pela Santa Catarina Turismo (SANTUR), órgão responsável pelo desenvolvimento do turismo no Estado de Santa Catarina, foi feita uma avaliação, na qual foram identificadas 8 (oito) “regiões”, compreendendo 90 municípios dos 293 existentes em 1999. Uma delas, a do Caminho dos Príncipes, está inserido o município de Corupá, palco deste estudo (Mapa 01).

O Caminho dos Príncipes abrange os municípios de São Francisco do Sul, Joinville, Rio Negrinho, Campo Alegre, Mafra, Garuva, Canoinhas, Jaraguá do Sul, Corupá, São Bento do Sul, Araquari, Barra Velha, São João do Itaperiú, Itapoá, Balneário Barra do Sul, Schroeder, Guaramirim e Massaranduba (Mapa 02). Estes possuem a peculiaridade comum, o fato de terem como antigos proprietários a Princesa Dona Francisca, filha de Dom Pedro I; o Príncipe François de Orleans, filho de Louis Philippe - Rei da França e o Conde d’Eu, esposo da Princesa Dona Isabel, filha de Dom Pedro II.

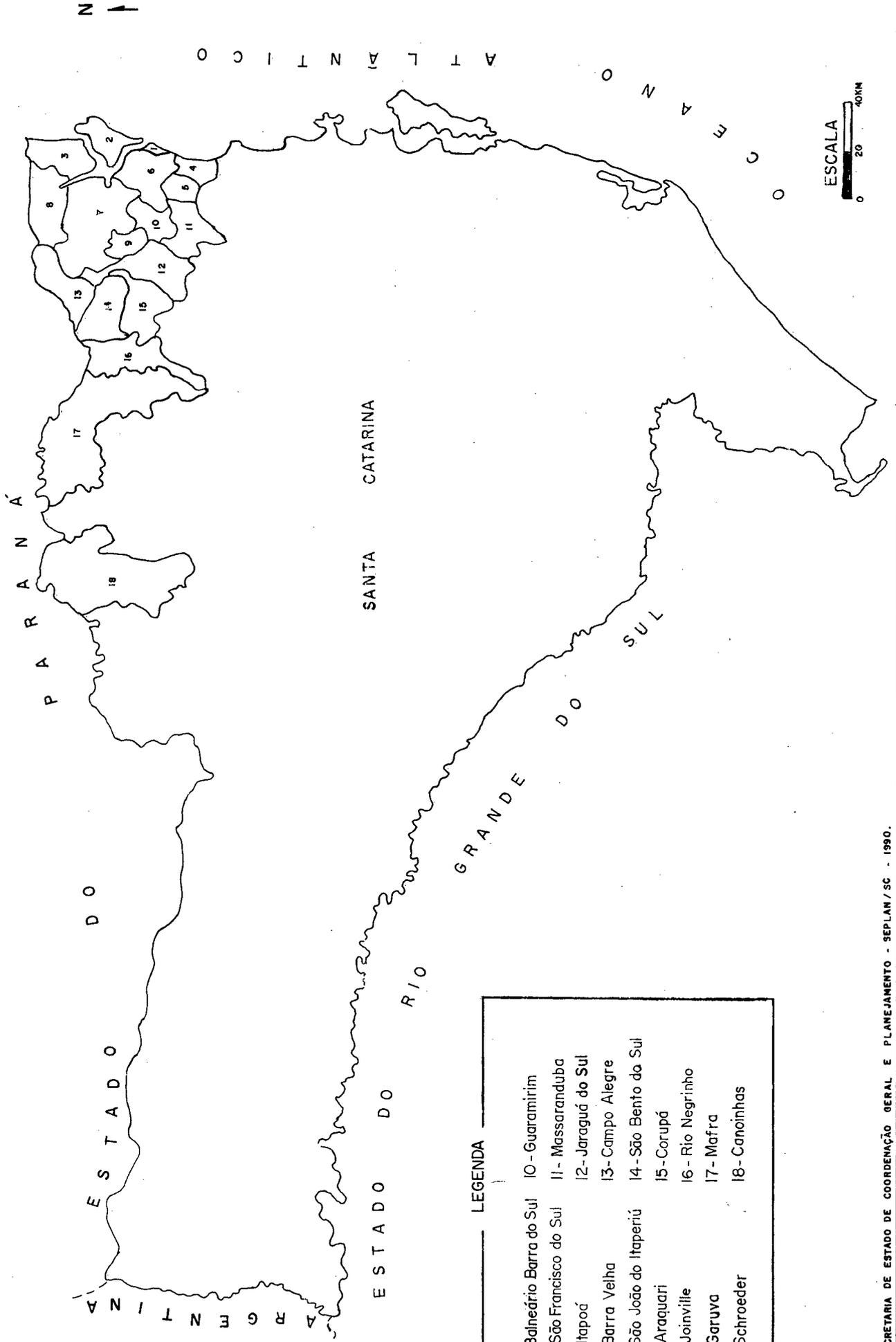
CONTEXTUALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO (MAPA - 01)



ESCALA



O CAMINHO DOS PRÍNCIPES - (MAPA 02)



LEGENDA

- | | |
|---------------------------|----------------------|
| 1- Balneário Barra do Sul | 10- Guarimirim |
| 2- São Francisco do Sul | 11- Massaranduba |
| 3- Itapoá | 12- Jaraguá do Sul |
| 4- Barra Velha | 13- Campo Alegre |
| 5- São João do Itaperiú | 14- São Bento da Sul |
| 6- Araquari | 15- Corupá |
| 7- Joinville | 16- Rio Negrinho |
| 8- Garuva | 17- Mafra |
| 9- Schroeder | 18- Canoinhas |

Corupá, anteriormente denominada Hansa Humboldt (Hansa em homenagem a “Hanseatische Kolonizationgesellschaft” – Sociedade Hanseática de Colonização e Humboldt ao naturalista Alexandre von Humboldt), teve sua fundação em 1897 por Karl Fabri, diretor da Sociedade Hanseática de Colonização. O município, porém, somente se emancipou de Jaraguá do Sul em 1958.

A partir de 01 de janeiro de 1944, o nome Hansa Humboldt foi alterado para Corupá. Uma das explicações para a mudança do nome foi a perseguição iniciada no final da Segunda Guerra Mundial aos descendentes de alemães que eram tidos, no Brasil, como “elementos perigosos”. O nome Corupá, de origem indígena, significa *paradeiro de seixos*.

No período compreendido entre 1897 e 1910, os primeiros imigrantes viveram a história da colonização, mediante árduos e constantes esforços no sentido de encontrar, no espaço em que se instalaram, meios de sobrevivência.

A inauguração da estrada de ferro, em 1910, ligando Corupá ao porto de São Francisco do Sul, ao planalto catarinense e, posteriormente, ao Paraná, foi fator importante para o crescimento do município. Após a construção da estrada de ferro, o processo de transformação do espaço se intensificou. Passou, então, a existir uma relação não só local, mas também integrada a outros municípios, proporcionando uma organização espacial mais complexa.

No entanto, a mesma estrada de ferro que inicialmente proporcionou um crescimento do município, também serviu como meio de fuga para alguns imigrantes que eram perseguidos. Com o trem vieram mais de 500

famílias de brasileiros, que não falavam o alemão. As escolas que ensinavam a língua germânica foram fechadas, após o início da primeira guerra mundial e, aos poucos, os dois grupos sociais foram se miscigenando e a cultura alemã foi se mesclando gradativamente.

Outros fatores apontados para justificar a estagnação do município foram as enchentes periódicas que deram muitos prejuízos à população, destruindo lavouras e casas. Além das enchentes, muitos moradores seguiam a linha de trem em direção ao planalto, à procura de novas frentes de trabalho e, portanto, de emprego.

As atividades econômicas do município eram diversificadas, ou seja, pequenas indústrias, casas comerciais e lavouras. Os habitantes, costumeiramente, exerciam mais de uma atividade para garantir a sua sobrevivência. No entanto, muitos imigrantes tiveram problemas com a discriminação de fiscais que os perseguiram constantemente. Um grande número de pequenas indústrias e casas comerciais acabaram se transferindo para outros municípios, onde os proprietários sentiam-se mais seguros.

Na década de 30, o município era grande produtor de laranjas, tangerina e banana, chegando a comercializar, com freqüência, estes produtos com outros estados brasileiros. Aproximadamente em 1945, uma doença atacou os cítricos, acabando com esta atividade. A banana continuou a ser cultivada e hoje se constitui na principal atividade agrícola do município. Corupá é o maior produtor do Estado de Santa Catarina de banana caturra, com uma produção aproximada de 19.000 toneladas/ano. Cerca de 900 produtores são responsáveis por esta produção que

movimenta a economia do município e, em sua ampla maioria, a atividade é desenvolvida por pequenos produtores.

No entanto, a agricultura não está mais garantindo o sustento do produtor. Segundo informações prestadas por alguns produtores, argumentaram sobre a grande concorrência existente entre eles, além de outras áreas produtoras, tanto de Santa Catarina, como de outros estados. Para os agricultores, o preço do produto no mercado não compensa mais os gastos envolvidos na produção da banana. Alguns deles já estão investindo no turismo, atividade que vem recebendo mais adeptos. Diante disso, consideramos importante, levar orientação a estas pessoas e ao poder público local, bem como analisar se é viável tal atividade ou não. Assim, os interessados na referida atividade não devem ser iludidos pelos discursos apologéticos ao turismo, sempre muito divulgados e investirem de modo errôneo.

No caso de Corupá, como em qualquer outra localidade, é importante que o turismo não seja visto como substituto da atividade agropecuária e sim como alternativa. Este constitui-se em uma fonte de renda alternativa que possibilitará à população local enfrentar épocas difíceis e à sazonalidade de ambas as atividades.

Este alerta é feito pela Organização Mundial do Turismo (OMT) que vê o turismo como uma forma de diversificação econômica, principalmente em áreas rurais, onde a atividade pode ser esporádica ou insuficiente.

Os primeiros indícios da atividade turística, em Corupá, remontam ao final da década de 20 com a criação de uma casa de saúde. Além de banhos quentes com ervas aromáticas e medicinais, os clientes da casa de saúde

também recebiam massagens e dieta com frutas e hortaliças. A casa estava sempre lotada, segundo KORMANN (1985), com no mínimo 10 pessoas e no máximo 30 pessoas. Essas pessoas chegavam de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e de diversas partes do estado. Nas horas de folga, os pacientes visitavam o município. Essa casa teve suas atividades encerradas em 1931, sem motivo aparente.

Entre 1932 e 1933, o Seminário Sagrado Coração de Jesus, construiu um aviário e um museu, passando a receber seus primeiros visitantes. Esse Seminário foi construído em fins de 1931. Inicialmente com uma função religiosa e educativa, o Seminário aos poucos foi adquirindo funções ligadas ao turismo e lazer. Foi, porém, no final da década de 70 e início de 80 que o estabelecimento passou a receber maior número de visitantes.

Seguindo a linha da evolução histórica do turismo em Corupá, podemos finalmente chegar ao fato que o maior impulso dado a essa atividade, foi a criação do Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella, em 1989, e que passou a atrair vários visitantes do estado e do país e, até, visitantes do exterior. Após a gestão administrativa (1989 – 1992) em que foi criado o parque, houve pouca preocupação em relação à atividade turística. Atualmente, sobretudo os governantes municipais, estão dando maior atenção para este setor.

Corupá está situado na porção norte do estado de Santa Catarina (Mapa 01), tendo como infra-estrutura básica de acesso a BR 280 que liga o município aos dois maiores pólos emissores de visitantes: Jaraguá do Sul e São Bento do Sul, além de unir as BRs 101 e 116.

O transporte ferroviário liga o porto de São Francisco do Sul ao município de Porto União, sendo esta linha utilizada, principalmente, para o transporte de carga. Aproveitando a existência desta linha férrea, há interesse em fomentar o crescimento do turismo ferroviário entre os municípios de Rio Negrinho, São Bento do Sul, Corupá e Jaraguá do Sul.

Atualmente o município conta com uma população de 11.073 habitantes, sendo que 8.057 pessoas encontram-se na área urbana e 3.016 na área rural (IBGE: 1998). Com uma área de 477 km², Corupá tem seu relevo acidentado e muitos rios e riachos que descem as encostas, dando condições para formação de quedas d'água. Essas cachoeiras constituem-se em importante potencial turístico, no entanto, não são determinantes na estruturação do turismo, como iremos discutir mais adiante.

A seguir faremos uma análise do potencial existente no município.

3 - O POTENCIAL EXISTENTE

Um país, um estado ou um município, podem não apresentar potencialidades naturais a serem exploradas. Mesmo assim, o turismo poderá se desenvolver ali. Essa questão é enfocada por RODRIGUES (1997), quando afirma que : *“Onde não há natureza ela é fabricada”*.

A afirmação é válida, embora a natureza primitiva não possa ser fabricada. Ocorre que o homem, através do trabalho social, cria uma “segunda natureza”, utilizando-se da “primeira natureza” ou da natureza primitiva. Assim, por exemplo, os parques aquáticos não são natureza em primeira instância, pois foram criados com o trabalho do homem.

Seguindo esta mesma lógica de raciocínio, um município ou uma localidade, embora apresente variado potencial natural, poderá não desenvolvê-lo, pois um não determina o outro. Assim, podemos encontrar pólos de turismo mais desenvolvidos mesmo em locais desprovidos de um potencial igual ao encontrado na área de estudo em questão. De acordo com a EMBRATUR (1995), *“O turismo não é necessariamente desejável e viável em todas as localidades”*.

Conforme expressa SANTOS (1994), o fato de duas cidades possuírem as mesmas condições naturais, não indica que serão organizadas igualmente pelo homem. Afinal, o sistema econômico encontra suas várias formas de se reproduzir.

Queremos afirmar que somente o potencial natural não significa a um determinado lugar a existência de sua vocação turística. Devem ser levados em conta outros aspectos, como por exemplo, a infra-estrutura local, a

demanda turística, o planejamento, o interesse do poder público, entre outros. Um lugar apenas bonito não impulsiona o turismo.

Contudo, torna-se importante levantar um inventário das potencialidades, não só do município, bem como dos seus arredores e da infra-estrutura existente. Os vários elementos darão um suporte para verificarmos a viabilidade ou não do turismo para o local. Todavia, existe ainda uma enorme carência de dados, quer das potencialidades e infra-estrutura, como também de quaisquer números relacionados ao turismo. Isso ocorre devido a sua complexidade tanto em nível local, estadual, nacional e até mundial. Para um planejamento bem elaborado é importante a coleta de tais dados.

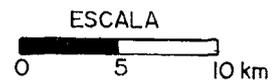
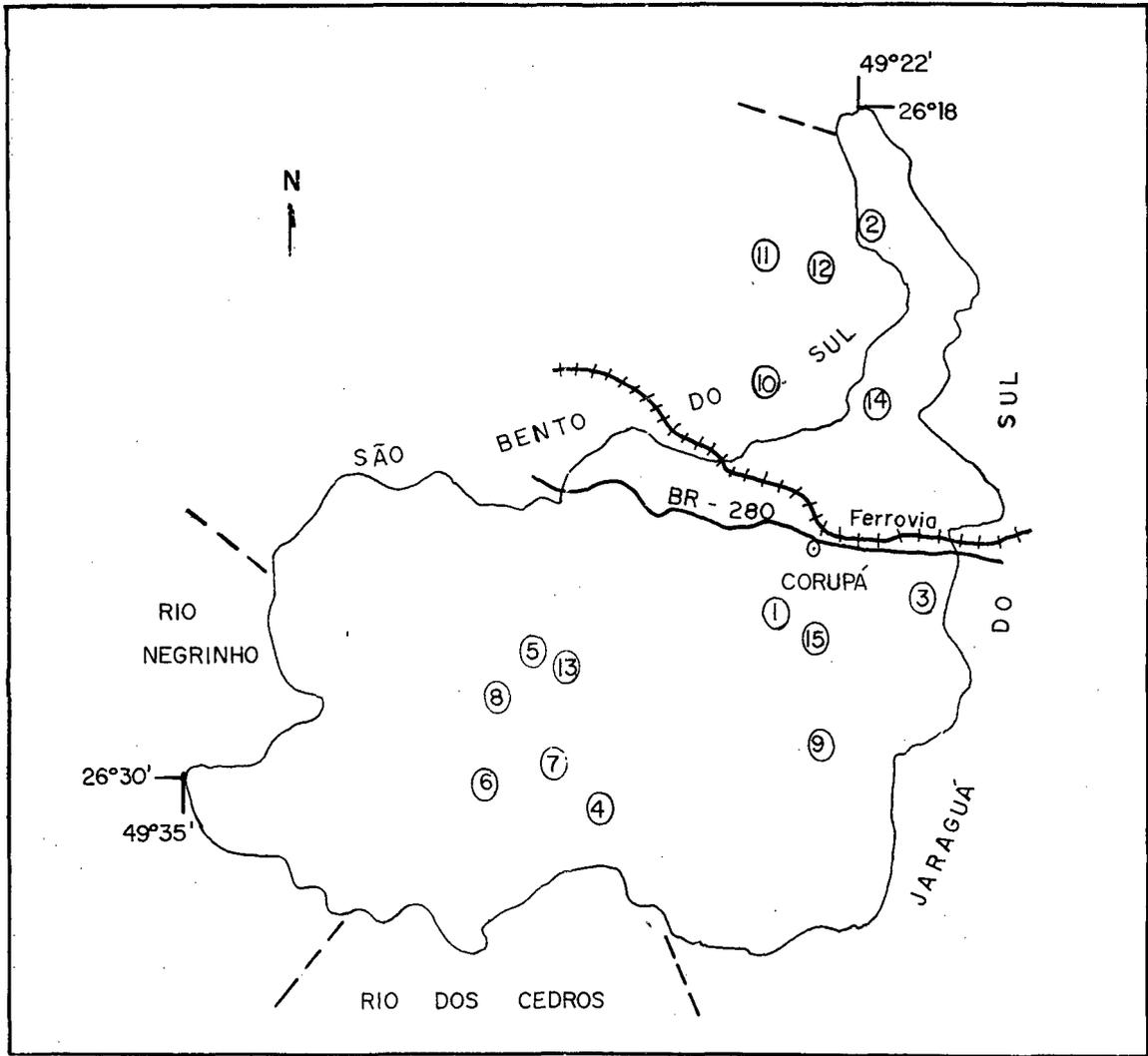
Em Santa Catarina, um recente trabalho de levantamento de dados de alguns poucos municípios vem sendo realizado pelo SEBRAE. Quanto ao município de Corupá procuraremos registrar tanto os potenciais existentes, bem como sua infra-estrutura, tipo de demanda atual, expectativa da população, além de outros dados.

Cabe, portanto, ao nosso estudo, analisar e alertar, no que for possível, se o município em questão dispõe de recursos adequados para desenvolver o turismo de forma viável.

3.1 – Os Potenciais Locais.

Entre as potencialidades que o município apresenta (Mapa 03), está o Orquidário Catarinense (Foto 01). Este local foi fundado por Roberto Seidel em 1906, cuja atividade principal do estabelecimento é a comercialização

LOCALIZAÇÃO DOS POTENCIAIS TURÍSTICOS EM CORUPÁ / SC - (MAPA 03)



LEGENDA

- | | |
|--|-----------------------------|
| 1 - Seminário Sagrado Coração de Jesus | 8 - Cachoeira da Bruaca |
| 2 - Morro do Boi | 9 - Morro do Garrafão |
| 3 - Prainha da Oma | 10 - Morro da Igreja |
| 4 - Cachoeira Véu de Noiva | 11 - Braço Esquerdo |
| 5 - Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella | 12 - Antiga Usina |
| 6 - Cabeça do Tigre | 13 - Piscina |
| 7 - Cachoeira da Santinha | 14 - Pesque Pague |
| | 15 - Orquidário Catarinense |

FOTO 01

O Orquidário Catarinense



GIACOMOZZI Jr. – 07/02/98

O estabelecimento desenvolve o cultivo e comercializa variadas e novas espécies de orquídeas e bromélias, recebendo visitantes de diversos países, os quais buscam conhecê-las e adquiri-las.

de orquídeas e bromélias. Constitui, de acordo com informações prestadas pelo atual proprietário, Alvim Seidel, um dos mais completos estabelecimentos comerciais do gênero no mundo. Entre o final da década de 70 e início dos anos 80, o estabelecimento começou a receber visitantes com maior frequência. Devido à dificuldade de atendimento a dessas pessoas e à degradação das plantas, as visitas passaram a ser feitas somente com grupos formados em horários previamente marcados.

A preferência tem sido dada ao turista mais especializado, ou seja, orquidófilos e profissionais interessados. Trata-se, portanto, de um segmento de turistas mais elitizado, tanto no aspecto econômico como cultural.

Outro atrativo encontrado no município é o Seminário Sagrado Coração de Jesus, inaugurado em 1932 (Foto 02). A partir da década de 70, além de sua função religiosa e de ensino, passou também a receber visitantes e turistas.

O seminário, hoje, oferece aos seus visitantes um viveiro com várias espécies de aves; um museu de animais empalhados e antiquários, além de quadras esportivas e um restaurante. O prédio do Seminário também constitui-se em atrativo, além de ser considerado pela população local como um patrimônio histórico.

Este estabelecimento atraiu aproximadamente 13.000 pessoas no ano de 1998. Recentemente, em 1999, passou-se a cobrar entrada dos visitantes (R\$ 1,00), a servir almoço (R\$ 3,00) e café colonial (R\$ 2,00).

A piscina de água natural (Foto 03) faz parte dos potenciais recém-criados pela população local, atraindo maior número de visitantes e possibilitando maior diversidade de atividades.

FOTO 02

Seminário Sagrado Coração de Jesus



GIACOMOZZI Jr. – 20/09/97

Além de atender os alunos internos, o Seminário recebe também, a visita da população local, bem como visitantes de vários municípios. Foi a primeira entidade a despertar o turismo em Corupá.

FOTO 03

Piscina de Águas Naturais



GIACOMOZZI Jr. – 25/07/98

Criada próximo ao Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella, a piscina de águas naturais é uma atividade sazonal que tem atraído banhistas durante o verão.

Corupá conta ainda com atrativos naturais, ou seja, não criados pelo homem. Segundo estimativa feita pelos moradores, existe aproximadamente uma centena de cachoeiras, o que constitui um dos maiores potenciais turísticos do município.

Com relação ao potencial natural, destacamos a Prainha da Oma e o Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella. No primeiro, pequenas cascatas e um riacho constituem o atrativo. O lugar ainda oferece serviços de restaurante e lanchonete. Já o Parque Ecológico apresenta várias cachoeiras, sendo que 14 delas podem ser acessadas mediante uma trilha de 2.909 metros em meio a mata atlântica. A maior cachoeira tem aproximadamente 145 metros de altura.

Ainda merecem destaque o Morro do Boi (Foto 04), o Morro do Garrafão, a Cachoeira Véu de Noiva (Foto 05), a Cachoeira da Santinha, a Cachoeira Bruaca e a Cabeça do Tigre (Gruta). No entanto, estes atrativos praticamente não possuem nenhuma estrutura para receber os visitantes. Apesar de não estar situado no município de Corupá, destacam-se ainda o Braço Esquerdo (cachoeiras e caverna), o Braço Direito (antiga usina hidroelétrica) e o Morro da Igreja (Foto 06). Embora estes locais pertençam ao município de São Bento do Sul, o acesso aos mesmos é mais fácil e rápido por Corupá, exceto ao Morro da Igreja, mostrando assim que o potencial em si não é suficiente para garantir a implantação do turismo.

A infra-estrutura necessária para o município desenvolver o turismo, ainda não está adequada, pois sabemos que tanto o turista como o visitante necessitam de equipamentos básicos como restaurantes, hotéis, vias de acesso, transporte, entre outros.

FOTO 04**Morro do Boi**

GIACOMOZZI Jr. – 04/06/99

Este morro proporciona uma bela visão panorâmica do Vale do Itapocú. Contudo não apresenta infra-estrutura de acesso, sendo assim um mero potencial turístico.

FOTO 05

Cachoeira Véu de Noiva

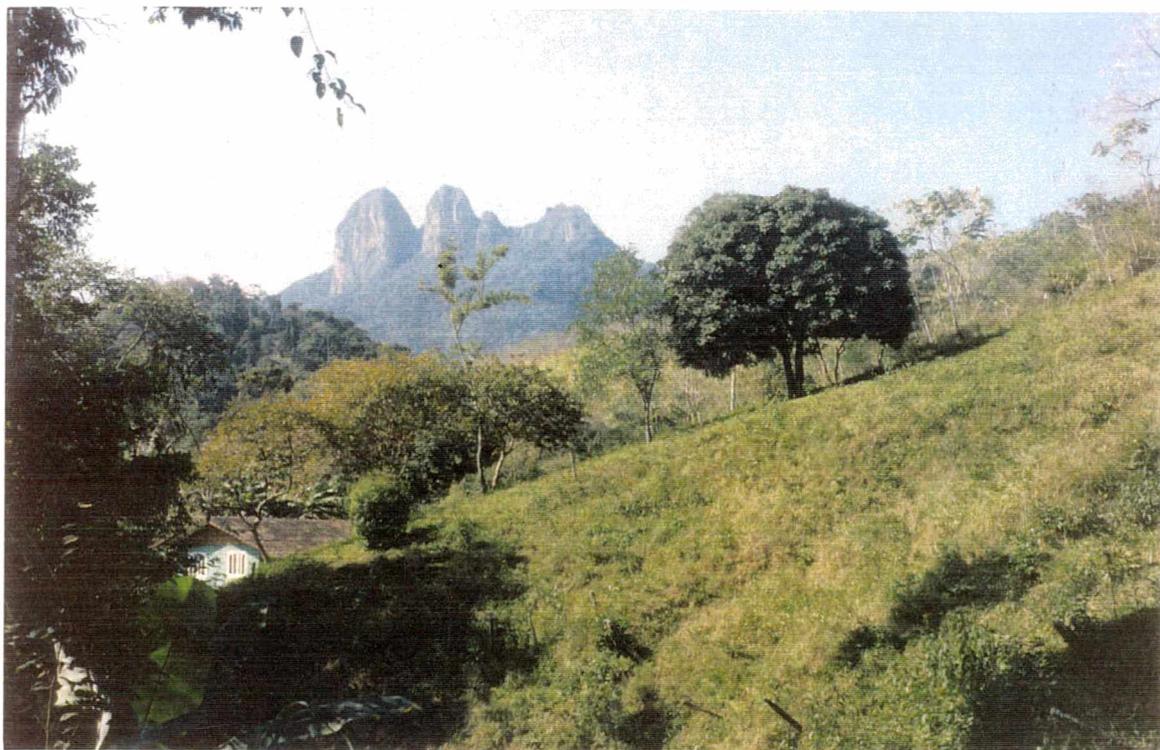


SILVA – 04/04/89

Embora distante do centro de Corupá, o local oferece condições favoráveis de acesso. Cabe ao Poder Público efetuar-lo.

FOTO 06

Morro da Igreja



GIACOMOZZI Jr. – 19/06/97

Apesar de pertencer ao município vizinho de São Bento do Sul, o acesso ao Morro da Igreja também pode ser feito por Corupá.

Junto ao Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella podemos encontrar a maior infra-estrutura criada para atender os turistas. Foram construídos restaurantes, lanchonetes, estacionamento, piscina, barraca de sucos e lembranças, áreas de camping, galpão com churrasqueiras, banheiros e outros equipamentos.

O que inicialmente era uma pequena colônia de agricultores, aos poucos foi recebendo maior atenção do poder público, que em 1989, juntamente com a iniciativa privada (MOBASA – Modo Battistella de Reflorestamento S.A.), criaram o parque. A área foi cedida pela empresa MOBASA, através de um contrato de comodato, à Prefeitura, que por sua vez administrou e equipou com alguma infra-estrutura. Hoje, tanto a Prefeitura como a MOBASA, passaram os bens construídos e o terreno, também através de um contrato de comodato, à Associação de Preservação e Ecoturismo “Rota das Cachoeiras” que é uma entidade, sem fins lucrativos, criada em 17 de fevereiro de 1999, e tem como objetivos, conservar, preservar, recuperar a flora, a fauna, os recursos hídricos, bem como promover o ecoturismo no Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella (Foto 07).

Sem dúvida, a criação da associação é de grande importância, pois desde a fundação do parque em 1989, o turismo vem ganhando impulso no município. Ressaltamos, no entanto, que a atividade ainda não recebeu a atenção devida. A associação ainda trará respaldo legal, facilitando a tomada de decisões. Contudo, não basta somente o respaldo legal e sim ações, baseadas em um planejamento para garantir tanto a integridade do

FOTO 07

Vista Parcial do Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella



LACHMANN – 18/05/95

A criação do parque passou a despertar em alguns moradores de Corupá, bem como na Prefeitura Municipal, um maior interesse pelo turismo no município.

meio (entende-se o natural e o social), bem como o crescimento e desenvolvimento econômico do município.

A infra-estrutura do município, como já assinalado, conta com a BR 280, principal via de ligação do porto de São Francisco do Sul ao planalto do norte catarinense, além de estar ligado a duas redes viárias importantes, as BR's 101 e 116.

O maior problema referente à acessibilidade são as estradas locais, que levam aos potenciais turísticos. Em sua maioria são estradas de chão batido e pouco conservadas. Esta questão também foi apontada, como negativa, pela maioria dos visitantes e moradores locais entrevistados. A carência de sinalização nestas vias de acesso, bem como a falta de um centro de informações também foram objeto de descontentamento, apontadas nas entrevistas realizadas com essas pessoas.

Os lugares mais conhecidos, de acordo com a maioria dos visitantes entrevistados, são o Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella e o Seminário Sagrado Coração de Jesus. Estes locais são procurados, justamente por apresentarem maior infra-estrutura. Recentemente passou a ser cobrada a entrada no Seminário, no museu e no viveiro. Tal como vem acontecendo com a cobrança de ingresso de entrada no Seminário, no museu e no viveiro, a associação "Rota das Cachoeiras" está estudando a possibilidade de ser cobrada a entrada ao parque. Até então o turismo deu retorno financeiro direto somente a poucas famílias que ofereciam alguns serviços como os restaurantes, barracas de suco, posto de gasolina, lanchonetes e outros.

Quanto a hospedagem, o Hotel Tureck Garten iniciou suas atividades em julho de 1996 e é o único. A maioria dos hóspedes são viajantes de passagem pelo município, sendo que os turistas, ainda, pouco utilizam o hotel.

A falta de um planejamento prévio da demanda turística pode provocar o fechamento do referido hotel, pois o movimento esperado não tem ocorrido. Por outro lado, se não houver equipamento adequado para hospedagem, muitos turistas poderão não retornar ao local. Diante desse impasse, resta saber se realmente existe ou não a demanda de turistas ou se o proprietário está buscando somente lucros rápidos. Um empreendimento que, segundo o proprietário, custou mais de US\$ 500.000 não pode visar ao retorno rapidamente. Talvez seja um investimento capaz de dar lucro a longo prazo.

Infelizmente existe ainda uma falta de interesse no que tange à coleta de dados qualitativos e quantitativos dos turistas. Esse trabalho procura mostrar algumas informações coletadas referentes ao perfil dos turistas ou visitantes, o papel do poder público, a visão dos munícipes em relação ao turismo, bem como, de que forma os comerciantes do ramo encaram essa nova atividade.

Essa falta de dados pode ocasionar uma falsa idéia para as autoridades, munícipes e empreendedores com relação à viabilidade da atividade turística, dificultando um planejamento pormenorizado devido à falta de informações.

Podemos certamente dizer que o município tem potenciais atrativos, mas nem sempre o que é atrativo para a comunidade local, o é para as

demais pessoas, sejam turistas ou visitantes. No entanto, não acreditamos ser este o caso de Corupá. Julgamos que as mudanças no comportamento das pessoas e no espaço já vêm ocorrendo, mesmo que de uma forma tímida.

Pretendemos discutir a questão, antecipadamente, para não colhermos os efeitos negativos, resultantes da falta de um planejamento prévio que podem ser ocasionados pelo turismo e que também veremos mais detalhadamente.

Conforme já ressaltamos, torna-se importante não considerarmos somente a área de estudo para esta análise e, sim o seu entorno, para haver possivelmente uma proposta de turismo integrado.

Na falta de atrativos suficientes em um determinado município, a integração entre municípios pode ser a saída. Cabe ao poder público estudar essas possibilidades e planejá-las, mas esta discussão será retomada juntamente com o papel do estado no fomento ao turismo.

3.2 - O Potencial nos Municípios Vizinhos

A atividade turística está intimamente imbricada com o espaço geográfico, pois encontra-se em constante transformação. Esse dinamismo não se restringe a um determinado ponto, como por exemplo, ao município de Corupá, pois não há fronteiras estanques e definidas entre a área de atuação do turismo e o seu entorno. Temos que considerar, ainda, a mobilidade dos turistas, os quais, muitas vezes, não se limitam a um ponto

fixo, produzindo múltiplas relações de consumo. Eis a razão porque daremos alguns tópicos sobre o potencial turístico do espaço circundante.

Com relação ao potencial dos municípios vizinhos, temos a 18 Km do município de Corupá o de Jaraguá do Sul, o qual possui uma rede hoteleira mais variada e uma maior infra-estrutura. Esta infra-estrutura decorre do fato de ser o terceiro maior pólo industrial de Santa Catarina. No que tange ao turismo, o potencial ainda vem sendo descoberto. O destaque é dado ao Parque da Malwee, inaugurado em 1978, com lagos e 1.200.000 m² de área de recreação. O local oferece restaurantes e quadras esportivas, estacionamento, entre outros equipamentos. A cada mês de outubro, é realizada a “*Schützenfest*” (Festa do Tiro), considerada o principal evento turístico do município. A arquitetura local também merece destaque, sendo a Casa do Colonizador, em estilo enxaimel, outro ponto turístico. Nesta casa funciona o posto de informações turísticas.

Outro município vizinho é São Bento do Sul, situado a 40 Km de Corupá. Destacam-se entre seus potenciais, as paisagens naturais como o Morro da Igreja, o Braço Esquerdo, inúmeras cachoeiras, a antiga estrada dos Bugres, entre outros atrativos. Em breve o município contará com o Parque das Aves. Segundo informações veiculadas pelo Jornal A Notícia (13/05/99: B3), trata-se de um projeto inédito no sul do país e está sendo implantado na localidade de Rio Natal. O objetivo principal do parque, refere-se a preservação de aves de várias espécies como o macuco, ameaçadas de extinção. Estas espécies terão sua reprodução incentivada. O projeto prevê a instalação de chocadeiras elétricas, além de grandes viveiros,

procurando recriar as condições naturais de hábitat e promover a reprodução de aves.

Além dos viveiros, a estrutura do parque ainda contará com áreas de lazer, lanchonete, área de camping, campo de futebol de areia, piscinas, entre outros equipamentos. Há a previsão de que o parque comece a funcionar em setembro de 1999.

Em Rio Negrinho, o principal roteiro é o passeio de Maria Fumaça pela chamada Ferrovia das Cachoeiras. Este passeio vem sendo realizado, desde o início dos anos 90, por iniciativa da Associação Brasileira de Preservação Ferroviária com sede em Rio Negrinho.

A Revista Mares do Sul (1997) apresentou, entre os melhores roteiros de turismo em Santa Catarina, o passeio de trem e a Rota das Cachoeiras. O percurso do trem entre Rio Negrinho e Corupá é de 120 km, mas o passeio também pode ter o roteiro Joinville/Guaramirim/ Jaraguá do Sul/Corupá/Rio Natal (em São Bento do Sul). A ferrovia, que desempenha ainda papel de ligação entre o porto de São Francisco do Sul e o Paraná, passa, aos poucos, a ter uma função diferenciada, atendendo também a atividade turística.

O potencial citado não pode ser visto como determinante no desenvolvimento da atividade turística. Ele é somente um requisito, entretanto podemos observar diferentes atrativos, tanto na área de estudo em questão, como em seu entorno. Na verdade, não podemos desconsiderar todo o potencial em nível estadual e nacional. Para tanto, torna-se importante que o poder público discuta as possibilidades de turismo

integrado, como já vem sendo feito por alguns municípios pertencentes à Associação dos Municípios do Vale do Itapocú (AMVALI).

A seguir analisaremos o turismo sob uma ótica reflexiva. Não é nossa intenção fazer uma propaganda dos recursos disponíveis. Somente elencamos os potenciais, a fim de se ter uma idéia das potencialidades existentes em Corupá e seu entorno, antes de nos lançarmos à problemática propriamente dita.

4 - O TURISMO COMO ATIVIDADE ECONÔMICA VIÁVEL?

Mais uma vez queremos ressaltar que não estamos tomando uma postura radical frente ao turismo. Com isso, não estamos querendo dizer que esta atividade seja de todo maléfica e que não deva ser explorada, como também não a consideramos uma atividade perfeita sem questionamentos.

Não raramente ouvimos discursos apologéticos ao turismo, mostrando-o como a “grande saída” para os problemas ambientais e sócioeconômicos de uma localidade.

Para que não haja decepções com relação aos resultados obtidos com essa nova atividade, torna-se importante agirmos com cautela e realizarmos um planejamento prévio, definindo os objetivos a serem atingidos e observando se o turismo realmente atende esses objetivos de maneira viável.

OURIQUES (1996: 30) nos alerta com relação à atividade turística e às expectativas que esta, muitas vezes, gera nas autoridades, empresários e na população local. Segundo o autor, *“Esta questão aparece para muitos como a “solução final” para os problemas de desequilíbrios, sejam estes econômicos ou naturais. Parece até uma nova religião, propagando o catecismo de uma salvação definitiva”*.

O turismo não pode ser visto como atividade econômica única e sim como alternativa de renda, apesar da Organização Mundial do Turismo (OMT) colocar que a “indústria do turismo” tem-se mostrado forte em relação às flutuações do dólar e a outros problemas.

Mas é muito importante estarmos alerta a essa “estabilidade e força” do turismo na economia, quer seja em nível local ou mesmo em escala mais ampliada. Devemos saber distinguir as ações e efeitos do turismo nos diversos lugares do globo. Dados de países desenvolvidos, não raramente nos são mostrados para incentivar o turismo em países subdesenvolvidos. As realidades são diferenciadas e muito provavelmente os resultados obtidos com a nova atividade também o serão, pois as infra-estruturas existentes são diferentes e a estabilidade política e econômica também.

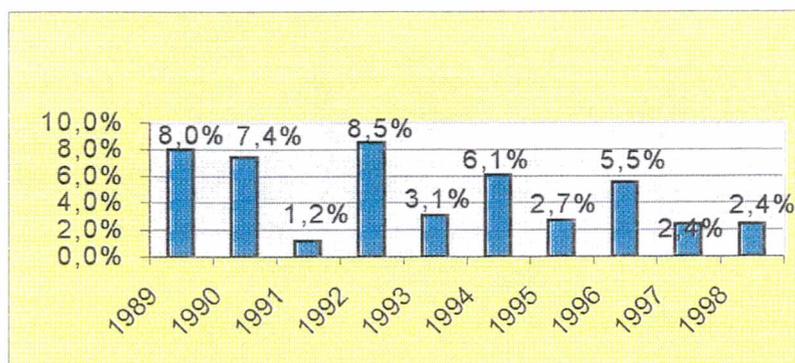
O crescimento do turismo em várias partes do mundo e o seu papel relevante na economia mundial é inegável. No entanto, cabe verificarmos até que ponto isso pode ser estendido a nossa realidade e se constituir em fatos verdadeiros ou enganosos.

4.1 - Dados Recentes Sobre o Turismo.

Conforme dados divulgados pela OMT (1999), o crescimento do movimento turístico, no mundo, de 1998 em relação ao ano anterior, foi de 2,4%. O indicador de crescimento, utilizado para a obtenção destes dados, foi o número de chegadas de turistas que, segundo a OMT trata-se de um indicador seguro. Entretanto, já foram observados índices de crescimento maiores (Gráfico 01).

GRÁFICO 01

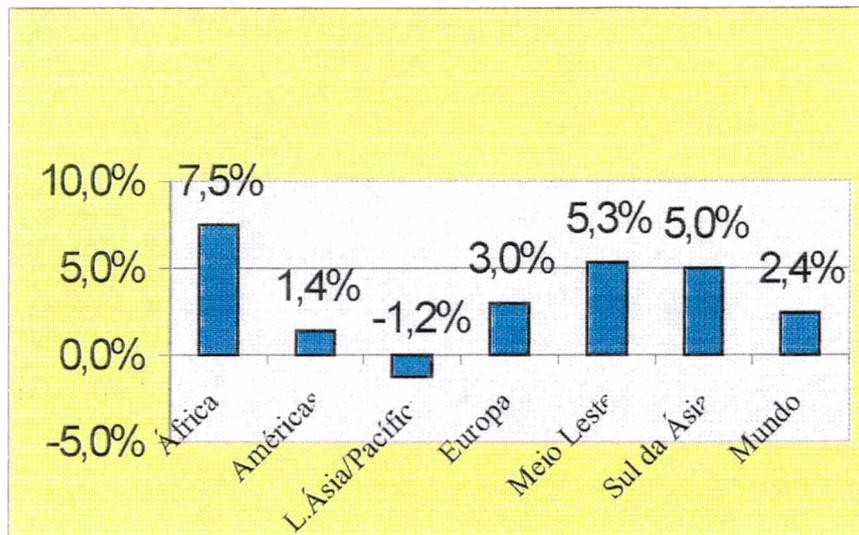
Mudanças no Percentual Global de Chegadas de Turistas, 1989 – 1998.



Fonte: Organização Mundial do Turismo – Tourism Highlights – 1999: 02.

O crescimento de turistas no período de 1989 a 1998, apesar de ter se mostrado sempre positivo, apresentou uma constante oscilação. Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT), tais oscilações podem ser um reflexo, entre muitos outros, da diminuição do turismo no Leste Asiático e do Pacífico (Gráfico 02). Isso nos mostra que o crescimento do turismo, em nível mundial, está sujeito a interferências de crises localizadas. Outra variante, segundo a OMT, seria um reflexo da valorização do dólar.

Assim, para entendermos melhor a dinamicidade deste processo, suponhamos que um turista, em 1998, veio ao Brasil com U\$1000. Ele gastou esse dinheiro com determinada atividade turística, ou seja, R\$ 1000. Em 1999 o mesmo turista voltou ao Brasil com a mesma quantia em dinheiro, mas como houve uma desvalorização da moeda local, os U\$ 1000 do turista passaram a valer quase R\$ 2000. Aumentou a receita do Brasil? Sim, os mesmos R\$ 1000 foram gastos na mesma atividade, porém houve um excedente de quase R\$ 1000. É justamente esse excedente que

GRÁFICO 02**Mudança Percentual de Chegadas Turísticas Globais,
por Região de Destino, 1997/98**

Fonte: Organização Mundial do Turismo – Tourism Highlights – 1999: 06.

ao ser gasto faz com que a receita aumente em relação ao ano anterior. Mas o turista, investiu mais no turismo? Não, o turista trouxe a mesma quantidade em dinheiro e a atividade turística praticada custava praticamente o mesmo preço. Pode até ocorrer uma diminuição no número de visitantes, mas um fato como este pode nos dar a falsa idéia de que a atividade está aumentando ou crescendo.

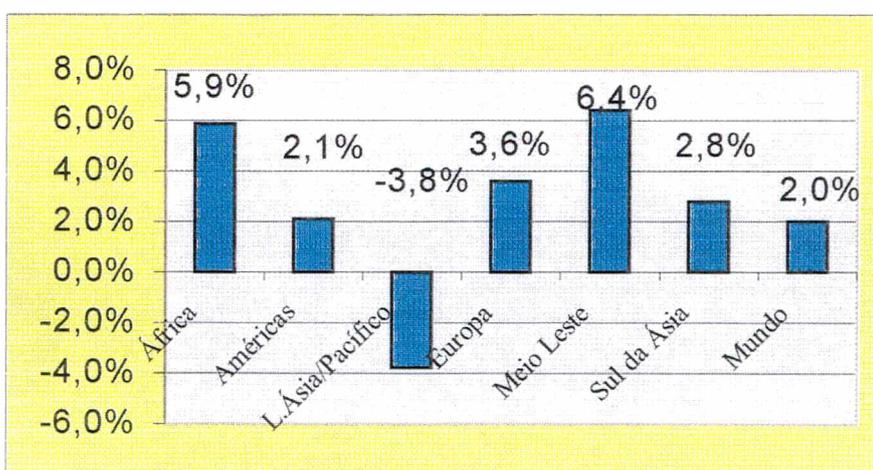
Com isso, queremos alertar sobre os dados do turismo que, além de não poderem ser estendidos a realidades diferentes, também podem esconder outras interpretações.

Com relação ao crescimento do turismo em 1998, a OMT apresentou os seguintes dados, agrupados por região ou continentes: (Gráficos 02 e 03).

A África apresentou maior expansão quanto ao número de visitantes em 1998 e as receitas tiveram um aumento de 5,9% em relação ao ano de 1997. Já nas Américas, a taxa de crescimento foi de 1,4%, somente superior ao Leste da Ásia / Pacífico que apresentou um decréscimo tanto na chegada de turistas quanto na receita. Esse declínio é provavelmente um reflexo da chamada crise asiática e influenciou os dados globais, como já mencionado. Observa-se, portanto, que as Américas não apresentaram um grande crescimento em relação às outras áreas do globo, também contribuindo para

GRÁFICO 03

Mudança Percentual de Receita Turística, por Região de Destino, 1997/98.



Fonte: Organização Mundial do Turismo – Tourism Highlights – 1999: 06.

essa variação mundial. Os dados das Américas não refletem necessariamente a mesma situação para o Brasil. A exemplo da influência do Leste da Ásia / Pacífico nos dados de crescimento global do turismo, o mesmo pode ocorrer quando agrupam-se países de características culturais e econômicas diferentes.

A Organização Mundial do Turismo (OMT) mostra, ainda, que as Américas tiveram uma arrecadação de receita com o turismo incrementada em 2,1%, enquanto que a maioria das regiões mostrou um percentual superior, excetuado-se o Leste da Ásia / Pacífico. Os dados apresentados nos gráficos 01 e 02 não podem ser tomados como parâmetro para todos os países da América.

O Brasil, por exemplo, mostrou uma evolução no número de visitantes recebidos, passando de 53º lugar em 1990, para 39º, no ranking mundial, em 1998 (Tabela 01). Com relação aos países americanos, o Brasil ficou atrás dos Estados Unidos (3º país que recebe mais visitantes no mundo), México (7º), Canadá (9º), Argentina (28º) e Porto Rico (37º). Entretanto, o Brasil foi o que mais evoluiu em relação aos países supracitados, no que se refere ao número de visitantes.

Já com relação às receitas, o Brasil ocupou a 36ª posição em 1998, depois de estar em 40º lugar em 1995 (Tabela 02). Observa-se que, apesar de haver uma progressão em relação ao número de visitantes, isso pouco alterou as receitas do turismo no país. Fica, portanto a dúvida: até que ponto o número de visitantes é realmente um indicador seguro do crescimento do turismo? Pode ter havido um número maior de visitantes, mas não significou que necessariamente houve progressos nas receitas. Talvez esse indicador

TABELA 01
QUARENTA MAIORES PAÍSES DO MUNDO PARA OS QUAIS SE
DIRIGEM OS TURISTAS (Milhares de Chegadas em 1998)

Rank			Países	Chegadas ¹	% mudanças	% do total
1990	1995	1998		1998	1998 / 97	1998
1	1	1	França	70.000	4,7	11,2
3	3	2	Espanha	47.743	10,0	7,6
2	2	3	Estados Unidos	47.127	- 1,3	7,5
4	4	4	Itália	34.829	2,2	5,6
7	5	5	Inglaterra	25.475	- 0,2	4,1
12	8	6	China	24.000	1,0	3,8
8	7	7	México	19.300	- 0,3	3,1
27	9	8	Polônia	18.820	- 3,6	3,0
10	11	9	Canadá	18.659	7,9	3,0
6	10	10	Áustria	17.282	3,8	2,8
9	13	11	Alemanha	16.504	4,2	2,6
16	12	12	Checoslováquia	16.325	- 3,0	2,6
17	18	13	Rússia	15.810	3,0	2,5
5	6	14	Hungria	14.660	- 15,0	2,3
14	17	15	Portugal	11.800	16,0	1,9
13	16	16	Grécia	11.077	10,0	1,8
11	14	17	Suíça	11.025	4,0	1,8
19	15	18	China – Hong Kong	9.600	- 7,7	1,5
24	20	19	Turquia	9.200	1,8	1,5
21	21	20	Tailândia	7.720	6,9	1,2
15	19	21	Malásia	6.856	10,10	1,1
20	22	22	Holanda	6.170	- 7,6	1,0
22	24	23	Bélgica	6.152	1,9	1,0
26	25	24	Irlanda	6.073	9,3	1,0
55	26	25	África do Sul	5.981	10,0	1,0
23	23	26	Cingapura	5.600	- 14,3	0,9
38	27	27	Indonésia	4.900	- 5,5	0,8
32	30	28	Argentina	4.852	7,0	0,8
29	29	29	Tunísia	4.700	10,3	0,8
31	31	30	Coréia	4.250	8,8	0,7
18	60	31	Croácia	4.200	9,5	0,7
28	34	32	Japão	4.100	- 2,8	0,7
36	32	33	Austrália	4.012	- 7,1	0,6
35	38	34	Egito	3.766	3,0	0,6
37	35	35	Arábia Saudita	3.700	2,9	0,6
34	28	36	Macau	3.590	- 0,6	0,6
33	36	37	Porto Rico	3.255	0,2	0,5
25	40	38	Marrocos	3.241	5,5	0,5
53	49	39	Brasil	3.135	10,0	0,5
30	39	40	Romênia	3.075	4,0	0,5
Total Mundial				625.236	2,4	100,0

Fonte: Organização Mundial do Turismo – Tourism Highlights (1999: 14)

¹ Chegada de Turistas em milhares

TABELA 02
QUARENTA MAIORES PAÍSES QUE MAIS GANHAM COM O TURISMO
RECEITA INTERNACIONAL DO TURISMO (em Milhões de Dólares – 1998).

Rank			Países	Receitas ²	% mudanças	% do total
1990	1995	1998		1998	1998 / 97	1998
1	1	1	Estados Unidos	74.240	1,3	16,7
3	2	2	Itália	30.427	2,4	6,8
2	3	3	França	29.700	6,0	6,7
4	4	4	Espanha	29.585	11,0	6,7
5	5	5	Inglaterra	21.295	6,3	4,8
6	6	6	Alemanha	16.840	2,0	3,8
25	10	7	China	12.500	3,5	2,8
7	7	8	Áustria	12.164	- 1,8	2,7
9	12	9	Canadá	9.133	4,1	2,1
15	13	10	Austrália	8.575	- 5,0	1,9
65	15	11	Polônia	8.400	- 3,2	1,9
21	21	12	Turquia	8.300	2,6	1,9
8	9	13	Suíça	8.208	3,9	1,8
10	17	14	México	7.850	3,4	1,8
11	8	15	China – Hong Kong	7.114	- 23,0	1,6
23	23	16	Rússia	7.107	3,0	1,6
12	11	17	Cingapura	6.501	- 5,0	1,5
13	14	18	Tailândia	6.392	- 9,3	1,4
14	16	19	Holanda	5.749	- 7,6	1,3
18	19	20	Coréia	5.700	11,4	1,3
16	18	21	Bélgica	5.375	1,9	1,2
27	24	22	Argentina	5.363	5,8	1,2
26	20	23	Indonésia	5.138	- 5,5	1,2
19	22	24	Portugal	4.772	11,6	1,1
17	30	25	Japão	4.154	- 4,0	0,9
24	25	26	Grécia	3.925	4,1	0,9
44	35	27	Egito	3.838	3,0	0,9
22	28	28	Suécia	3.755	5,1	0,8
20	27	29	Dinamarca	3.627	14,9	0,8
62	33	30	Checoslováquia	3.509	- 3,8	0,8
31	26	31	Malásia	3.369	24,6	0,8
34	31	32	Macau	3.300	12,0	0,7
29	29	33	Taiwan	3.231	- 5,0	0,7
33	36	34	Índia	3.168	0,5	0,7
35	34	35	Irlanda	3.159	- 0,9	0,7
36	40	36	Brasil	2.776	7,0	0,6
30	48	37	Croácia	2.740	8,3	0,6
37	32	38	Israel	2.700	- 1,5	0,6
50	44	39	Hungria	2.568	- 0,5	0,6
40	37	40	Filipinas	2.421	- 14,5	0,5
Total Mundial				444.741	2,0	100,0

Fonte: Organização Mundial do Turismo – Tourism Highlights (1999: 15)

² Receita em milhões de dólares

possa ser considerado em relação a países como França, Itália, Espanha, Estados Unidos, entre outros, mas será também aplicável a países subdesenvolvidos como o Brasil, Argentina e Egito?

Verificamos que nas tabelas 01 e 02, as diferenças de número de turistas e receitas com o turismo são muito diferentes entre os primeiros do ranking com o restante dos países apresentados nas tabelas. Se tomarmos os cinco primeiros países do continente americano, em relação às receitas geradas com o turismo, observamos que dos U\$ 99,3 bilhões, o Brasil ficou com apenas 2,8% destas receitas.

Portanto, se as Américas ocupam o penúltimo lugar em crescimento com relação às atividades turísticas nos últimos dez anos, não implica que o Brasil tenha tido grandes ganhos com o turismo só porque pertence ao continente americano. Isso se verifica contrapondo os Estados Unidos (1º do ranking entre as Américas) com uma receita de U\$ 74, 240 bilhões de dólares contra os 2,776 bilhões de dólares de receita com o turismo no Brasil (36º do ranking).¹

Não estamos querendo dizer com isto que o turismo não esteja crescendo no Brasil e que esta atividade seja inviável. Pretendemos ressaltar para a tomada de conclusões precipitadas e para a má utilização dessas informações. Muitas vezes, essas informações são utilizadas por capitalistas que visam somente aos lucros, para mostrar a importância do turismo à determinada região e como “solução” aos problemas enfrentados.

¹ Depois de ter preparado todos os dados a Secretaria da World Tourism Organization (WTO), recebeu alguns dados extras de Portugal (com uma pequena redução na chegada de turistas e nas receitas), Brasil (com um enorme aumento de turistas e receitas).

Segundo SILVEIRA (1997), é interessante observar que na atividade turística, assim como em qualquer ramo de negócios, está por trás um poderoso esquema de promoção e marketing. O objetivo é vender o produto turístico, quer ele seja artificial ou natural. Visa-se muitas vezes somente ao lucro, não havendo a preocupação com a satisfação ou não do turista.

Nessa linha de raciocínio, KRIPPENDORF (1987:45) afirma: “O turismo é um comércio, e não uma obra de beneficência”. A publicidade nesse campo tem se mostrado, algumas vezes, falsa e enganosa. Há casos em que é mostrado apenas um elemento, por exemplo um casarão histórico, para passar a mensagem de todo um “arsenal” turístico.

Algumas propagandas “vendem” imagens que não são as do lugar mencionado, ou seja, utiliza-se uma imagem de praias do Nordeste para vender um pacote para as praias catarinenses, como se estas tivessem realmente aquela paisagem repleta de coqueiros, induzindo assim o turista ao erro. Os abusos podem ser, ainda, de outra natureza, conforme mencionou PAIVA (1995:22):

“Em nome do marketing turístico os maiores absurdos são cometidos, principalmente nessas sociedades nas quais predomina uma mentalidade acrítica e alienada. Existem desde campanhas publicitárias enganosas, até o uso exacerbado de recursos públicos para esforços mercadológicos cujo retorno em termos de aumento do fluxo turístico para possíveis destinações não atinge os resultados do discurso

dos planos oficiais, ao que adotam esse estratagema como forma de legitimar abusos contra a cidadania”.

Portanto, em nome de melhorias para as comunidades locais, podem ser utilizadas verbas que na verdade vão atender os jogos de interesse. Os resultados propostos que não foram obtidos não inviabilizam o local para o turismo. Na verdade, havia interesses diferentes por trás dos discursos de “crescimento do turismo”, ou seja a preocupação principal não era satisfazer a comunidade local, mas somente um artifício para atender única e exclusivamente a outros interesses.

Contudo, o papel do marketing e a divulgação desempenham papel importante no crescimento e desenvolvimento do turismo, desde que eticamente correto. É uma forma de se mostrar para outras áreas o “produto turístico”, as potencialidades existentes no local. De nada adiantaria um lugar rico em potencialidades se não houvesse a divulgação, mesmo que seja a tradicional propaganda “boca a boca”. Para isso, é imprescindível o bom tratamento ao turista, e a existência de uma infra-estrutura básica.

Os equipamentos que compõe uma infra-estrutura podem até não ser muito luxuosos, mas o bom atendimento é o que geralmente cativa o turista. Torna-se imprescindível que os empresários, o poder público, juntamente com a população local recebam bem o visitante ou o turista, e se conscientizem de que um bom tratamento, pode implicar num retorno e propaganda positiva. Todavia, este relacionamento (visitante e população

local) nem sempre é bem sucedido, como veremos a seguir ao abordarmos os pontos negativos do turismo.

4.2 - As Contradições.

Visto por muitos autores como um dos fenômenos mais marcantes do mundo contemporâneo, o turismo sem dúvida é um agente modificador do espaço. Pode modificar as funções anteriormente exercidas por determinada entidade, aumentar ou diminuir o nível de vida de uma localidade ou até mesmo de uma área bem mais ampla, construir novas formas, reconstruir espaços, resolver problemas, mesmo que parcialmente de cunho social, econômico e ambiental, entre outras transformações. No entanto, antes de introduzirmos essa nova atividade em nossa economia, esperando retornos positivos, é necessário estarmos cientes também das contradições que permeiam essa temática.

Antes que essa atividade possa trazer mais inconveniências do que vantagens, é interessante que compartilhemos do mesmo pensamento de KRIPPENDORF (1989:22): *“...é bom que se iniciem as críticas e, em particular, as reflexões”*.

Queremos ressaltar que a palavra crítica não tem tom pejorativo, ou seja, não significa que estamos querendo condenar a atividade turística. Estamos, sim, querendo construir uma posição mais cautelosa com relação a esta atividade, estudando para isso os pontos positivos e negativos que envolvem o turismo.

Nos discursos em prol do turismo, geralmente são exaltados os aspectos positivos dessa atividade. Não teria, portanto, o menor sentido alguém buscar lucros com essa atividade e falar dos malefícios que a mesma pode causar.

Para os interessados, essa atividade é grande geradora de riquezas, melhora a qualidade de vida, cria empregos, aumenta os níveis de erudição, tanto dos turistas como das comunidades receptoras, preserva o meio ambiente, promove o intercâmbio entre os povos, além de outros benefícios. Entretanto há o outro lado da moeda, ou seja, o contrário do que é pregado pela ideologia do turismo.

KRIPPENDORF (1989: 94) mencionou as condições rigorosas de trabalho que raramente podem ser encontradas nos discursos em defesa do turismo de qualidade para todos:

“As condições de trabalho são rigorosas: horas extras, horários irregulares, sobrecarga de acordo com a estação do ano e comprometimento pessoal em favor do cliente. Ademais, os salários são inferiores à média. As opções profissionais e as possibilidades de carreira são restritas. Muitas atividades não são qualificadas e são socialmente desfavorecidas, como os trabalhos efetuados nos bastidores dos hotéis, sejam nas cozinhas ou nos quartos”.

Neste mesmo sentido, OURIQUES (1996) em sua dissertação “Turismo em Florianópolis – Uma Crítica a Indústria Pós-Moderna”, apontou a má situação em que vivem determinados trabalhadores de verão e coloca

o turismo como forma de exploração e manifestação do capitalismo sob um ideal ecológico e economicamente viável. Muitos trabalhadores se sujeitam a desenvolver atividades mal remuneradas, sem registro em carteira, preferindo permanecer nessas condições ao invés de ficarem desempregados.

Além destes problemas citados pelos autores mencionados, ainda existem problemas com relação à sazonalidade, fazendo com que muitos trabalhadores percam suas fontes de renda com o término das temporadas. No que se refere ao turismo como gerador de riquezas, também podemos observar que na maioria das vezes poucos são os beneficiados.

Um dos elementos básicos para o fomento do turismo é a demanda, sendo que o potencial ou atrativo é que vão gerá-la. A partir daí, o poder público, a iniciativa privada e a população local devem se mobilizar para atender as necessidades básicas dos turistas. Entre estas, destacamos a hospedagem, a acessibilidade aos atrativos, o transporte, a alimentação, a informação, entre outros serviços.

Sob a égide do capitalismo, o turismo visa antes de mais nada à acumulação, à reprodução do capital e ao lucro. Tal como ocorre em outras atividades econômicas, o lucro obtido com a atividade turística raramente é sociabilizado. Contrariamente, os gastos são repartidos, induzidos por discursos de benefícios para “todos”. Não discordamos que todos possam ter participação nos investimentos, no entanto, igualmente que tenham direito ao lucro e possibilidades iguais de empreendimentos com a nova atividade, ou seja, o turismo.

O que verificamos, não raramente, é o contrário. Os moradores locais iniciam timidamente as atividades ligadas ao turismo e ao menor sinal de expansão acabam se tornando alvo de grandes empresários. Neste caso, a economia se distancia do ser humano e coloca-se acima dele, apoderando-se de sua liberdade.

KRIPPENDORF (1989:96) mencionou sobre esta perda da independência, em que o autóctone “entrega o ouro” aos especuladores: *“Eles se desfazem da vaca, ao invés de vender o leite”*. Um exemplo disso, apontado pelo autor, é a venda de terrenos a preços muito baixos, no qual o autóctone deixa escapar de suas mãos a oportunidade do bom negócio. Quando este se dá conta, estas áreas são valorizadas e ele não tem mais condições financeiras de recuperá-la.

Em alguns casos, os preços de aluguel, terrenos, impostos, mercadorias e outros serviços se tornam tão elevados que a população nativa se vê forçada a sair de seu próprio local. O sonho de melhoria da qualidade de vida tão pregada naqueles discursos a favor do turismo, acaba sendo transformado em segregação. Isso ocorre em nível mundial. No Brasil, especificamente, este fato é notado mais claramente nas áreas de turismo litorâneo.

A respeito desta questão, OURIQUES (1998: 65) ao tratar sobre algumas praias de Florianópolis, mostrou esse choque entre o autóctone e o especulador:

“Neste sentido, a incidência da elevação do preço da terra ocorre quase que simultaneamente à decadência das atividades tradicionais,

implicando, via de regra, a transferência da posse da terra e expulsando das áreas de marinha de muitas famílias de agricultores e pescadores em benefício das classes mais abastadas de Florianópolis e de outros lugares”.

No entanto, este problema pode surgir em qualquer lugar que se proponha a desenvolver atividades ligadas ao turismo. Esta observação é um alerta às autoridades e aos novos empresários ligados ao ramo, visto que ainda não foi verificado no município em estudo.

O poder público, de maneira geral, parece não ter dado ainda a devida atenção aos autóctones das áreas ligadas ao turismo. Poucos receberam incentivos fiscais, divulgação dos seus potenciais ou mesmo obras para o turismo executadas pelas prefeituras locais. Já com a chegada dos especuladores, parece que é vislumbrada a possibilidade de maiores lucros e arrecadações aos cofres públicos. Para isso, toda sorte de incentivos e benefícios são dados a estes “empreendedores do turismo”. Tudo gira em torno do lucro, ou seja, se não me dá lucro por que eu vou fazer algo? Essa idéia está embutida em praticamente todas as atividades ligadas ao turismo e a qualquer outra atividade econômica.

Contraditoriamente ao que comumente é pregado, podemos observar que nem sempre o turismo gera benefícios a todos. Muitas vezes, a nova atividade pode acabar gerando mais problemas do que soluções, não se constituindo, portanto, em uma atividade que promova a distribuição mais eqüitativa da renda ou a dinamização da economia regional e local.

Outro ponto contraditório é o que mostra o turismo como fomentador de múltiplas relações socioculturais.

Para OURIQUES (1996), um dos grandes problemas ligados ao turismo é a relação entre visitante e visitado, que muitas vezes não passa somente de uma observação entre as partes e que ele chama de “síndrome do zôo”. Não há uma troca efetiva de experiências e o visitante acaba, em alguns casos, modificando os costumes e valores da comunidade local.

Isso pode ser verificado também em RODRIGUES (1997:92) que exemplifica o caso nas comunidades pesqueiras.

“Quando o turismo ocorre em áreas povoadas, como em zonas costeiras habitadas tradicionalmente por comunidades pesqueiras, observa-se geralmente impacto negativo, ocasionando, assim, séria transformação nos valores, nas tradições, nas crenças, desestabilizando essas comunidades. Trata-se de um processo irreversível. O problema é delicado pois as populações autóctones desejam as mudanças e sonham com sua integração à vida moderna, com o acesso aos bens que o “progresso” proporciona”.

A autora aponta que essa alteração na formação de valores, de tradição e de crença ocorre principalmente nos mais jovens que se encantam com a “superioridade” dos turistas. Eles passam, então, a criar novas aspirações e insatisfações. Desejam ter a mesma roupa ou agir igual ao turista, mesmo que para isso precisem roubar ou se prostituir. A mesma

autora ainda considera (1997: 93): *“Por outro lado, defender as comunidades locais no estágio que se encontram e tentar preservá-las como relíquia para o deleite dos cientistas sociais é assumir atitude paternalista, para não dizer autoritária”*.

No entanto, essas comunidades apresentam uma evolução natural mais lenta. O que deve ser evitado é o aceleração dessa evolução natural. Para isso, a autora sugere que a própria comunidade deve decidir o seu futuro. Contudo, concordamos com RODRIGUES quanto ao alto custo social e às repercussões socioculturais que o turismo traz para a população residente.

Quanto aos visitantes, KRIPPENDORF (1989) ressaltou que a maioria viaja para desligar, relaxar ou fugir da vida diária. Somente uma minoria cita as viagens como uma forma de ampliar os conhecimentos. Essa minoria muitas vezes paga altos preços para ter esse conhecimento através do turismo chamado elitizado. Essa forma não é, portanto, acessível às camadas sociais mais baixas.

Outro ponto importante a discutirmos é o turismo como fenômeno de massa. Até que ponto podemos falar em turismo de massa? Será que todas as atividades de lazer e turismo estão ao alcance de todos? Os estudiosos do assunto apresentam suas opiniões diferenciadas.

Para GEIGER in RODRIGUES (1999:55-61), o turismo de massa é um fenômeno recente que teve início após a Segunda Grande Guerra. Para o autor, o turismo de massa pode ser caracterizado da seguinte forma:

“Ele se caracteriza, hoje, pelo elevado número de pessoas, de quase todos os povos, viajando; pela quantidade de pessoas empregadas no setor e pelo movimento financeiro que envolve; pela abrangência geográfica do movimento, o turismo alcançando todos os lugares da Terra, e pelo envolvimento das administrações públicas no processo”.

Na verdade, quando dizemos ser o turismo um fenômeno de massa, não estamos dizendo que ele é acessível a todos, mas sim, referimo-nos ao fato de ele envolver um grande número de pessoas, além de apresentar uma grande complexidade.

Torna-se importante, ainda, observarmos que nos países desenvolvidos uma parcela maior da população dispõe de condições de viajar em função dos melhores níveis de renda, enquanto que nos países subdesenvolvidos este número fica restrito somente a uma pequena parcela da população.

PAIVA (1995) citou o exemplo do Brasil que, por possuir cerca de 41% de sua população ativa ganhando até três salários mínimos, não tem pleno acesso aos serviços turísticos. Torna-se, portanto, complicado falar em turismo acessível para todos. A visão imediatista, visando a lucros rápidos, acaba limitando alguns destes serviços, visto a cobrança de preços ser abusiva.

Em relação ao acesso aos serviços, GIACOMINI FILHO (1998) mencionou o alto preço da locação dos automóveis no Brasil. Este é 4 vezes superior ao preço cobrado nos Estados Unidos, além das tarifas aéreas

consideradas as mais altas do mundo, ou ainda os preços elevados de diária nos hotéis em relação a outros países turísticos. Estes fatores acabam tornando o turismo brasileiro muito oneroso e menos competitivo frente ao mercado mundial.

Alguns autores consideram ainda que o turismo de massa seja um dos grandes agressores de espaços naturais. Em comparação com as indústrias e a poluição dos automóveis, provavelmente o turismo agride menos o meio ambiente. Entretanto, se verificarmos os discursos em prol da atividade turística, grande parte deles mostra a preocupação com o lado ecológico e indica-o como atividade não agressora ao meio ambiente.

Contudo, o turismo, além de ser visto como uma atividade econômica que não agride a natureza, por outro lado, é uma atividade que consome a paisagem natural, degradando-a. Preservação e destruição se constituem em duas faces do turismo.

Neste sentido, RODRIGUES (1999) escreveu que os grandes geossistemas, até então preservados do mundo tropical, principalmente nos continentes latino-americano e africano, passam a ser chamados para entrar em cena em prol do capitalismo, ou seja, passam a comercializar a paisagem. Antes de mais nada, vale uma reflexão com relação à comercialização da paisagem.

OURIQUES (1996) destacou o lado ilusório dos atributos paisagísticos, como capazes de produzir valor, uma vez que este só advém do trabalho social. Acreditamos que a paisagem não possui um valor real atribuído pelo trabalho, mas sim, um valor imaginário ou subjetivo, de acordo com os diferentes interesses.

Para exemplificar, suponhamos duas pessoas diferentes contemplando uma paisagem. O indivíduo **A** fica extasiado diante da paisagem. Tem seu prazer momentâneo e passageiro. Para este indivíduo a paisagem não tem valor, nem preço. Já o indivíduo **B** vê a mesma paisagem, mas sob uma ótica de trabalhar essa paisagem para a construção de um complexo turístico. A paisagem é modificada, em parte, pelo trabalho. No entanto, o entorno que não sofreu alterações participa deste valor.

Através dos discursos preservacionistas, o capitalismo tenta encobrir as suas verdadeiras intenções. Os autores que vêm desenvolvendo trabalhos nesta área mostram três maneiras de se encarar a ecologia e que **OURIQUES (1996:31)** classificou para fins didáticos em: economicismo, ecologismo e sustentabilidade.

No economicismo e no ecologismo, podemos verificar posições extremas. No primeiro, a natureza é vista somente como um mero recurso para a obtenção de riquezas, enquanto que no segundo a preocupação é unicamente com a conservação dos recursos naturais. Já na sustentabilidade, busca-se o meio termo entre o antropocentrismo e o biocentrismo. Deve haver a conciliação do crescimento com a conservação do meio ambiente.

Na maioria das vezes, os aspectos naturais são utilizados pelas empresas de marketing para atrair os turistas. No entanto, não são mencionadas as agressões ocorridas em alguns lugares em função desta atividade.

O ecoturismo surge apoiado em atividades ligadas a natureza e ao meio ambiente, todavia, deve-se englobar no meio ambiente o próprio

homem, com todas as suas manifestações (sociais, culturais e econômicas) e suas interações com o espaço.

Para PIRES (1998), só podemos falar em ecoturismo quando realmente há um retorno positivo para o meio e para a comunidade local envolvidos. Muitas vezes, no entanto, mesmo sob o rótulo do ecoturismo, escondem-se atividades predatórias, dificultando o reconhecimento da verdadeira atividade.

Em estudos recentes, a Organização Mundial do Turismo (OMT) apontou o ecoturismo como a atividade que mais cresce no mundo em termos de demanda. Já em 1994, esta atividade alcançava cerca de 5% do mercado turístico. Existem perspectivas de crescimento deste filão do turismo, principalmente na América Latina e África, tendo em vista sua diversidade de geossistemas.

Outros segmentos turísticos são o turismo rural e o agroturismo que, juntamente com outras modalidades de turismo, procuram vencer o problema da sazonalidade. Conforme CAVACO in RODRIGUES (1999), durante muitos anos, o desenvolvimento rural só era feito através do setor agrícola. Com o surgimento do turismo rural e do agroturismo, o produtor passou a ter uma alternativa de renda para enfrentar problemas com a safra e vencer a sazonalidade existente em ambas as atividades.

No turismo rural, o turista desfruta do dia-a-dia da fazenda que pode ou não desenvolver suas atividades normais. As condições de hospedagem são mais rústicas do que as tradicionais e a alimentação é típica da região. Já no agroturismo, o turista participa no processo de produção, aprende como determinado produto é cultivado, ou seja, está em contato com a

lavoura. Participa, outrossim, na lida com os animais, como por exemplo “tirar leite da vaca”.

A implantação do turismo em áreas rurais não implica necessariamente que a agricultura vá mal no município. Outro fato importante a ser observado é que o turismo não deve ser visto como substituto das atividades tradicionais desempenhadas na comunidade e sim deve ser considerado uma atividade alternativa.

Contudo, deve-se observar cuidadosamente sob que rótulo está se querendo implantar o ecoturismo ou turismo rural. O Estado deve desempenhar o seu papel, planejando, antes de mais nada, a nova atividade, a fim de evitar novos problemas ao invés de chegar a soluções para os antigos problemas.

4.3 - O Papel do Estado.

O estudo do turismo é de fundamental importância para que possamos evitar acontecimentos contrários aos que desejamos, porém, essas questões por nós abordadas, muitas vezes não são levadas em conta. Frequentemente o poder público foge às suas responsabilidades e essa negligência pode ter um alto preço. Pretendemos discutir a seguir o papel do Estado no crescimento e desenvolvimento do turismo de maneira geral.

Julgamos que o Estado não deva assumir um papel paternalista nem tampouco assentir no seu descaso e negligência com relação as suas responsabilidades.

Um fato positivo é a existência, tanto em nível nacional, como em nível estadual e municipal, de organismos responsáveis pelo turismo. Infelizmente, a simples existência de tais organismos não garantem uma plena autonomia na tomada de decisões, visto que os mesmos estão mutuamente atrelados. A exemplo disso, podemos citar o caso de Corupá, em que a Secretaria de Turismo está ligada à Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente. Essa idéia será retomada no capítulo seguinte.

Quanto a função do Estado no turismo SILVA (1997) afirma que esta é indiscutível, mesmo nos municípios que estão iniciando a atividade. No entanto, a autora cita que no caso do Brasil, infelizmente, há uma carência na definição de uma política turística. Quando existem tais políticas, estas geralmente têm um caráter isolado.

O Estado, antes de mais nada, deve verificar a viabilidade da implantação da nova atividade, neste caso o turismo. Neste sentido, CASTELLI (1996:70) expôs que:

"...o poder público antes de incorporar o turismo como uma atividade a mais na sua administração, deve verificar se o país ou a região preenchem os pré-requisitos da viabilidade turística. É a partir da constatação destas viabilidades que o poder público poderá fazer do turismo um elemento propulsor da atividade socioeconômica nacional ou regional".

Ao Estado cabe, portanto, organizar de maneira racional o espaço, definindo, planejando e gerindo corretamente as zonas destinadas ao

turismo, com fins de promover o desenvolvimento econômico, ampliar as ofertas de emprego, salvaguardar o patrimônio natural e cultural de um determinado lugar. Para isso, o Estado, deve oferecer incentivos fiscais, divulgar as potencialidades, criar e executar mecanismos legais, fiscalizar e controlar a atividade turística, criar infra-estruturas, promover a conscientização do público em geral através de cursos, palestras e exposições, controlar os preços para que não se tornem abusivos, entre outras políticas de turismo.

Com relação à tomada de decisões, esta deve ter a colaboração de todos, incluindo a comunidade local. As autoridades investidas do poder público devem ter consciência disso e zelar para que todos possam expressar suas opiniões, ajudando assim no planejamento da atividade.

O Estado, porém, não investe no turismo sem retornos. O setor público também se beneficia, conforme nos apontou BARRETO (1997). Estes benefícios podem ser indiretos ou diretos. Os impostos arrecadados da empresa privada seriam os benefícios indiretos, enquanto que vistos e taxas alfandegárias, constituem-se em arrecadações diretas.

Ressalte-se, outrossim, que cabe ao Estado antes de mais nada, verificar a viabilidade dos projetos turísticos sem que haja prejuízo para a população local. Neste sentido, concordamos com CASTELLI (1996: 70), quando afirmou:

“Não se pode dar prioridade ao turismo se este não possuir viabilidade, isto é, se o esforço financeiro do poder público não for compensado

com grandes benefícios socioeconômicos para os seus cidadãos”.

Consideramos, portanto, que Estado, iniciativa privada e população local têm responsabilidades mútuas, não devendo haver prejuízos para nenhum deles. Quando um se sobrepõe ao outro, cabe à parte que se sente prejudicada acionar os instrumentos legais para se defender. Além de leis claras e objetivas, é imprescindível o cumprimento fiel de todas as obrigações por parte dos envolvidos.

5 – REFLEXÕES SOBRE O LOCAL DE ESTUDO

Diante dos fatos apresentados no capítulo anterior, precisamos entender o processo de mudança espacial em Corupá, frente à demanda atual e o interesse pelo turismo, com a finalidade de um alerta às autoridades locais e às pessoas envolvidas no processo. Ocorre que esta atividade, em muitas cidades, é tida como “fomentadora” de uma economia mais estável, com importante papel no processo de produção e reprodução do espaço.

Fora de seus locais de moradia, os turistas sentem a necessidade de consumir determinados serviços básicos como hospedagem e alimentação. O consumo de serviços é que constitui a essência do turismo. Além destes serviços, há a possibilidade da atividade turística absorver parte da mão-de-obra disponível através da criação de trabalho, pois, estando empregadas, as pessoas tornam-se consumidoras, participando no processo de acumulação do capital.

As mudanças sócioespaciais que vêm ocorrendo no município de Corupá, associadas ao turismo despertaram nossa atenção, no sentido de tentarmos compreender e analisar o processo de (re) organização espacial.

Uma vez que não há turismo sem o turista, torna-se importante atentarmos para o tipo de visitante que costuma freqüentar o município, pois de acordo com ele poderemos ter, provavelmente, diferentes formas de trabalhar o turismo em Corupá. Para isso, precisamos conhecê-lo melhor.

5.1 - O Perfil dos Turistas

Para o perfil dos turistas, adotamos a distinção feita pela OMT (Organização Mundial do turismo), que separa turista de visitante de 1(um) dia. Estes são diferenciados, basicamente, pelo tempo de permanência no local e ambos não devem exercer atividade remunerada no município ou país visitado.

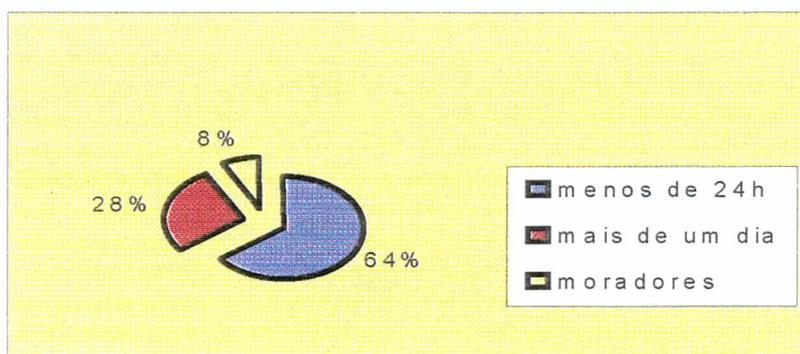
O visitante de um dia caracteriza-se pelo retorno, no mesmo dia, a seu local de residência e não consome serviços de hospedagem, dispensando, algumas vezes, serviços de lanchonetes e restaurantes. Já o turista necessita destes serviços, uma vez que está fora de seu local de residência e pretende permanecer no local por mais de um dia. Esta é a essência do turismo, ou seja, oferecer os serviços necessários para a sobrevivência do turista fora de seu lugar de residência habitual.

Dos dados levantados junto aos visitantes, constatamos que dos 180 entrevistados, 64% das pessoas permaneceram menos de 24 horas no município, 8% eram moradores de Corupá e 28% pessoas permaneceram por mais de 1 (um) dia no local (Gráfico 04).

No caso de Corupá, observamos que a maioria é constituída por visitantes de um dia, procedentes, geralmente, de municípios próximos como Jaraguá do Sul (19% do total de visitantes), Joinville (11%), Blumenau (9%) e São Bento do Sul (8%), possibilitando aos visitantes retornarem aos seus municípios de residência. No entanto, também foram observados visitantes de outros estados (Gráfico 05).

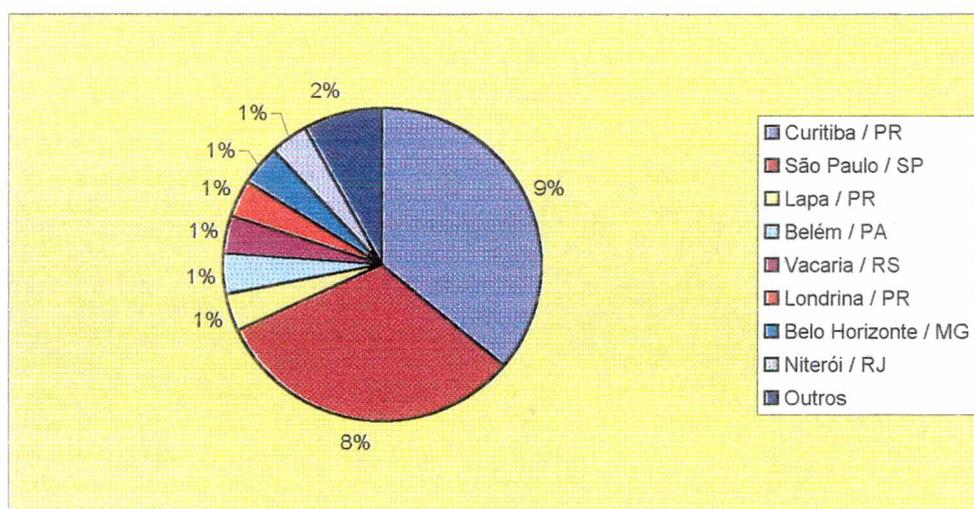
Os resultados demonstram que 25% dos visitantes entrevistados são procedentes de outros estados, e que as viagens empreendidas necessitaram, possivelmente, de um tempo de permanência superior a um dia. Contudo, registramos baixos índices de hospedagem, se considerarmos o número de pessoas que permaneceram por mais de um dia no município.

Gráfico 04 - Tempo de Permanência dos Visitantes



Fonte: Elaborado: Gilio Giacomozzi Jr. – 1999.

Gráfico 05 - Procedência dos Turistas



Fonte: Elaborado por Gilio Giacomozzi Júnior. – 1999.

Dos turistas , que constituem 28% dos entrevistados, apenas 6% se utilizaram de hotel em Corupá (Foto 08). Apesar das mais diferentes procedências registradas, a maioria estava hospedada em casas de parentes ou amigos, ou ainda, em áreas de camping. Os visitantes entrevistados, mostraram-se simpatizantes de hospedagens alternativas como no caso dos campings. Além de serem mais baratas, os entrevistados disseram que este tipo de acomodação aproxima-os da natureza. Neste sentido, alguns moradores já estão criando áreas de camping próximo ao Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella, para atender aos adeptos desta forma de alojamento.

Em relação aos visitantes, em geral, notamos que 81,2% do total de turistas e visitantes de um dia utilizaram algum tipo de serviço, enquanto 18,8% não o fizeram. Entre os mais procurados estão, principalmente, os serviços de alimentação oferecidos no município.

Os serviços de restaurantes e lanchonetes foram utilizados por 72% dos visitantes entrevistados no Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella. Apesar de muitas pessoas trazerem alimentos de casa, pois o parque oferece infra-estrutura como um galpão com banheiros, mesas, pias e churrasqueiras, isso não tem afetado o movimento dos restaurantes e lanchonetes.

Estes equipamentos destinados a oferecer alimentação, além dos postos de gasolina, foram os serviços mais utilizados pelos turistas (Foto 09). Isso está refletido no número de restaurantes construídos no entorno do Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella. A área que anteriormente reunia uma pequena comunidade de agricultores, hoje, possui três

FOTO 08

Hotel Tureck Garten



GILIO GIACOMOZZI Jr. – 25/07/98

A hospedagem se constitui numa das obras necessárias de infraestrutura para atender os turistas que desejam passar mais tempo no município ou que se deslocam de grandes distâncias.

FOTO 09

Os Serviços de Alimentação



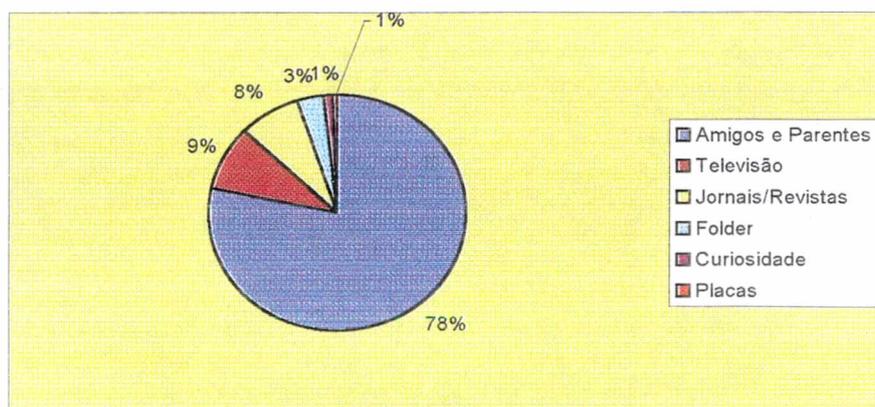
GILIO GIACOMOZZI Jr. – 23/03/99

Os restaurantes constituem-se em serviço básico aos visitantes, assim como os hotéis.

restaurantes e uma lanchonete. O município conta, atualmente, com 11 restaurantes, sendo que 3 deles ligados diretamente com o parque e 3, embora não ligados diretamente ao parque foram criados pela motivação gerada pelo turismo. Ou seja, 54,5% dos restaurantes existentes no município, foram instalados em função do número de turistas que, segundo os proprietários, vem crescendo. Essas novas atividades estão, aos poucos, se incorporando à realidade local como mais uma fonte de renda para esta e outras comunidades.

Apesar de 64% dos visitantes ficarem menos de um dia no município, eles geralmente voltam. Destes visitantes, cerca de 67,2% já havia visitado o município várias vezes, enquanto que 32,8% estavam lá pela primeira vez. Portanto, a maioria dos entrevistados retorna oportunamente, demonstrando que as relações provenientes do turismo e do lazer, não se esgotam com a primeira visita. Para isso, é imprescindível o bom tratamento do turista, bem como dos visitantes de um dia, uma vez que a divulgação é feita, principalmente pelos próprios visitantes, como observamos no gráfico 06.

GRÁFICO 06 - MEIOS DE DIVULGAÇÃO



Fonte: Elaborado por Gilio Giacomozzi Jr. – 1999.

Cabe, portanto, um alerta à carência e à falta de preocupação com relação à divulgação dos potenciais do município. Para que haja um bom desempenho das atividades ligadas ao turismo é necessário, antes de mais nada, o turista. Sem turista não há turismo. Observamos também a falta de conhecimento dos visitantes, de modo geral, com relação a outros atrativos. A maioria só conhecia o Seminário, além do Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella que estavam visitando. Poucos turistas indicaram conhecer outros atrativos. A falta de infra-estrutura mínima, como a acessibilidade ao atrativo, é o principal motivo que impede os turistas de conhecerem melhor o município, além da falta de um centro de informações turísticas. O acesso a esses atrativos possibilitaria novas fontes de renda. No entanto, cabe antes de mais nada um planejamento prévio destas novas áreas de lazer e turismo.

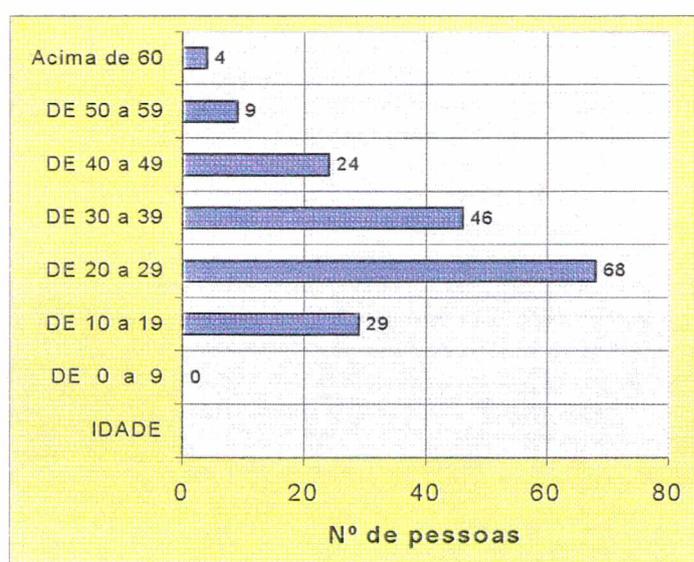
Outro ponto importante deve ser atribuído a preservação e conservação dos potenciais turísticos. Um atrativo, sem os devidos cuidados, pode passar a exercer um fator de atração contrário ao esperado. Tornamos a ressaltar sobre a importância de um planejamento elaborado cuidadosamente pelo poder público local, a fim de evitar possíveis efeitos indesejáveis.

No caso de Corupá, todos os visitantes entrevistados apontaram a diversidade das cachoeiras, a tranquilidade do local e a vegetação primária ainda existente, como principais atrativos. Estes fatores, também foram apontados como motivos primeiros que os levaram ao município e não ao litoral.

Em nossa sociedade, aumenta cada vez mais a necessidade de um local para recuperarmos nossas energias desprendidas no trabalho ou na vida das grandes cidades. Esse desejo de troca de ambiente físico foi apontado tanto pelos visitantes vindos de grandes centros urbanos, como também pelos visitantes de municípios menores. Longe do dia-a-dia, dos problemas enfrentados nas cidades, um local bucólico parece atender tais necessidades.

Cerca de 63% dos visitantes estavam entre a faixa etária dos 20 aos 39 anos (Gráfico 07). Dentre os que se encontravam nesta faixa etária, praticamente todos possuíam emprego fixo e mostraram o interesse pelo lugar se constituir num local tranqüilo e calmo.

GRÁFICO 07 - IDADE DOS TURISTAS POR FAIXA ETÁRIA



Fonte: Elaborado por Gilio Giacomozzi Júnior - 1999

A diferença de classe social, cada vez mais acentuada, não permite o acesso ao turismo a todos, conforme assinalaremos a seguir. Sabemos que grande parte dos trabalhadores é assalariado e não pode se dar ao luxo de uma viagem de turismo ou lazer. Os que mais sentem necessidade de descanso e recuperação de suas energias, muitas vezes não podem desfrutar de tal “prazer”.

Todos os visitantes que vieram ao município utilizaram condução própria. A principal condução utilizada é, principalmente, o automóvel particular, símbolo de mobilidade e de liberdade. O município não oferece nenhum serviço de transporte aos turistas e ainda não foram observados intermediações e venda do produto turístico de Corupá em outros municípios.

Neste sentido, o Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella, bem como os outros potenciais e o próprio município, são acessados somente por uma parcela das pessoas que dispõe de meios de transporte próprio. Esta falta de transporte também acaba dificultando o acesso a parte da população local que não dispõe de meios de transporte particular. Algumas excursões também foram observadas, no entanto, em número reduzido. Estas excursões, geralmente, são organizadas por pessoas que já visitaram o município ou por escolas e não por agências de turismo.

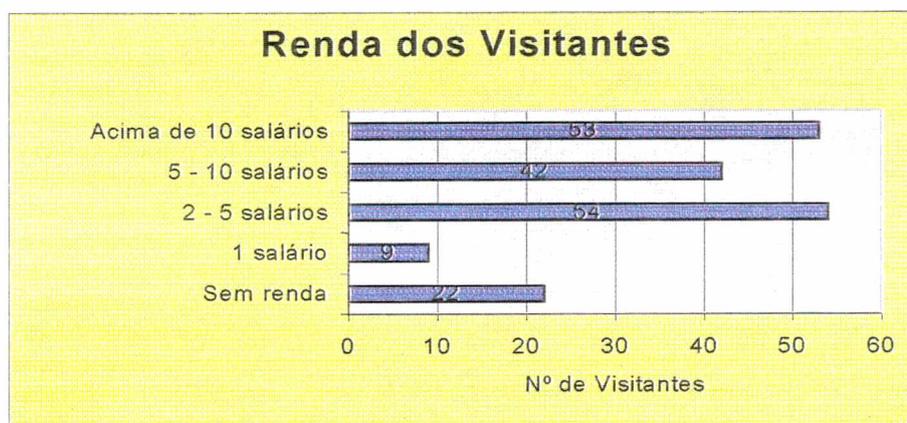
A renda dos visitantes também mostrou que tanto o turismo como o lazer não são acessíveis a todos. Das cinco faixas de renda estabelecidas, três apresentaram um maior percentual, conforme o gráfico 08. Pudemos constatar que os maiores percentuais foram registrados entre os visitantes vindos de outros estados. Já os visitantes vindos de municípios vizinhos

foram os que apresentaram menor renda. Os visitantes vindos de outros municípios do estado de Santa Catarina, por sua vez, apresentaram um índice de renda intermediária, ou seja, entre 5 e 10 salários mínimos.

Isso nos indica que a renda variada dos visitantes proporciona oportunidades diferenciadas. O bom nível de renda também pode refletir no consumo dos serviços oferecidos. Os visitantes de outros estados e de municípios mais distantes foram os que mais consumiram serviços em geral.

GRÁFICO 08

RENDA DOS VISITANTES POR FAIXAS DE SALÁRIO



Fonte: Elaborado por Gilio Giacomozzi Jr. – 1999.

Como já verificamos, a essência do turismo está em oferecer serviços aos visitantes que se encontram fora do seu local habitual de residência. Por isso, é importante ressaltarmos o bom tratamento aos visitantes e a criação de serviços e infra-estrutura variada.

Neste sentido, os visitantes foram questionados com relação às deficiências encontradas no município e sobre a importância do turismo para o mesmo. Entre as deficiências encontradas, os turistas citaram

principalmente a má conservação das estradas de acesso ao Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella, a má sinalização desta estrada e das trilhas do parque, a ausência de um local de informações ao turista, a falta de guias e de atenção com os turistas, a má administração municipal e a carência na divulgação dos potenciais em geral.

A maioria dos visitantes sentiu a falta de um posto que os orientasse com relação aos lugares a serem visitados, locais para as refeições, entre outras informações sobre o município. A trilha do parque também foi alvo das reclamações, pois é íngreme e nem todas as pessoas têm condições de chegar à última cachoeira, considerada pelos visitantes como a maior e a mais bela. Neste sentido, as reclamações foram no sentido de se aumentar as placas indicativas com o nome das cachoeiras, direção a ser tomada, distância a ser percorrida entre outras informações, além da melhoria das trilhas e da criação de um centro de informações com vídeos e exposição de fotos para os turistas que realmente não conseguem subir a trilha a exemplo dos idosos, cardíacos, deficientes e outros.

Quanto à importância do turismo, verificamos que a maioria dos turistas possuíam uma visão positiva e acrítica com relação a essa atividade. A expressiva maioria dos visitantes, ou seja, 98,8% deles, respondeu que o turismo é importante para o município. Foram citados, entre outros pontos positivos do turismo, o desenvolvimento do município (60% dos visitantes), a geração de empregos para a população local (27%), ajuda na preservação do meio ambiente (14%) e a ampliação dos conhecimentos para a população local e para os turistas (20%). Estes percentuais mostrados referem-se ao número de vezes que determinado ponto positivo foi citado,

admitindo-se ao entrevistado apontar mais de um ponto positivo. Somente dois entrevistados questionaram a importância do turismo, mostrando sua preocupação com a agressão à natureza em resultado da má “exploração” do turismo.

Esse percentual de 98,8% possivelmente resulta dos discursos em favor do turismo, o qual é visto como a atividade econômica ideal. Estes discursos não raramente pregados em campanhas publicitárias, políticas, preservacionistas, entre outras, são absorvidos pela população em geral que não vê, muitas vezes, os lados negativos da atividade turística. Isso foi verificado pelo pequeno percentual que questionou os benefícios do turismo, ou seja, apenas 1,2%.

5.2 – A Opinião da População Local

Dos moradores locais entrevistados, 97,7% julgaram o turismo muito importante para Corupá. Os pontos positivos apontados foram: o crescimento do município (60,5%); aumento de renda para a comunidade local (30%); ampliação dos conhecimentos para os turistas e para os moradores (13,8%); preservação da natureza (13,8%) e criação de novos empregos (8,3%). Ressalte-se, que os moradores também apontaram mais de um ponto positivo por entrevista. Já 1,3% dos moradores entrevistados que não responderam a favor do turismo, também demonstraram, assim como os turistas, sua preocupação com a degradação da natureza.

Em relação aos locais visitados, apesar dos moradores saberem da existência de outros atrativos turísticos no município, a maioria demonstrou

conhecer somente o Seminário e o Parque Ecológico. Resultado semelhante foi obtido com os turistas e pode ser justificado pelo fato destes lugares possuírem a melhor infra-estrutura. O Parque Ecológico foi visitado por 77,7% dos moradores entrevistados e o seminário por 77,2%. O terceiro lugar mais visitado pelos moradores de Corupá é a Prainha da Oma (26,1%), seguida da antiga usina hidroelétrica (8,3%) e do Braço Esquerdo, cujos atrativos são as cachoeiras e uma caverna (7,2%). Outros potenciais foram citados por poucos moradores entrevistados que conhecem melhor o município.

Quando questionados porque não visitaram determinados lugares, os moradores apontaram como principais deficiências, a falta de transporte, a distância e o difícil acesso aos atrativos. Essas deficiências também foram as mais apontadas pelos turistas, o que vem confirmar a carência dos acessos aos potenciais.

Contudo, existiam moradores locais que, além de desconhecerem alguns atrativos, prestigiam pouco os lugares de visitação mais conhecidos como o Seminário e o Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella.

5.3 – As Entidades Privadas

A opinião dos turistas e dos moradores representa um dado de suma importância para o planejamento do turismo como atividade econômica viável. Estes dados, porém, recebem um reforço através das entrevistas com as entidades privadas envolvidas diretamente no processo e que nos permite uma melhor avaliação do turismo no município.

Em entrevista com o diretor do Seminário Sagrado Coração de Jesus, este afirmou que o Seminário (Foto 10) foi a primeira entidade que despertou o interesse turístico em Corupá.

A movimentação dos visitantes, segundo o diretor, se dá de forma semelhante durante todo ano, não existindo problemas de sazonalidade. Assim, segundo ele, no ano de 1998 (de março a dezembro), estimou-se que 12.500 pessoas visitaram o seminário e a exposição dos instrumentos de tortura (três semanas de março/99), atraiu um número de 11.500 visitantes (controlado pelo número de ingressos vendidos).

No entanto, o entrevistado salientou que as instalações foram abertas aos visitantes como uma possibilidade de contribuir financeiramente, já que *“o seminário deve ser mantido pelo turismo e não o turismo ser mantido pelo seminário. O mais importante é a finalidade do seminário. A partir do momento que o turismo começar a dar prejuízos, nós encerraremos esta atividade”*.

Com relação ao turismo, o entrevistado também achou que esta atividade seja importante para o crescimento e arrecadação de divisas para o município. Comentou também a importância da diversificação das atividades econômicas, pois a monocultura – caso da banana, entre outros – é mais facilmente susceptível a crises.

O diretor do seminário sugeriu sobre a necessidade de haver uma conscientização turística como um todo, tanto das pessoas que vêm visitar, como das pessoas que recebem os visitantes. Nesse sentido, precisariam cuidar mais do embelezamento dos jardins, visto que o município dispõe de

FOTO 10

O Patrimônio Arquitetônico



GILIO GIACOMOZZI Jr. – 20/09/97.

O Seminário Sagrado Coração de Jesus é um dos atrativos socialmente produzidos e constitui-se num dos principais patrimônios históricos do município.

várias empresas que comercializam plantas ornamentais e oferecem serviços de jardinagem. Essa atitude poderia ser incentivada pela prefeitura, através de um concurso de jardins, como exemplo.

Ainda com relação à conscientização, existe, infelizmente, uma falta de educação, tanto por parte do povo local, como dos visitantes e, isso pode prejudicar o turismo. Cabe notar que o seminário não é público e as pessoas não se deram conta, ainda, da importância do respeito que se deve dar a uma propriedade particular, ao patrimônio histórico, às pessoas e à natureza.

O Seminário oferece hoje em dia, serviços de restaurante e café colonial aos domingos, museu, aviário, quadras esportivas, entre outras opções de lazer. Como projetos futuros, pretende-se ampliar a área de estacionamento, recuperar o bosque que estava abandonado e fazer uma lagoa com pedalinhas.

Com relação aos outros proprietários, estes possuíam estabelecimentos criados para atender diretamente o turista, ao contrário do Seminário que adquiriu esta nova função. Observamos que a mão-de-obra empregada nesses estabelecimentos constituía-se principalmente de trabalhadores contratados. Todos os estabelecimentos ligados diretamente ao turismo estavam empregando 81 pessoas, sendo que 39 pessoas constituíam mão-de-obra familiar, 32 eram empregados registrados em caráter permanente e 10 pessoas trabalhavam sem registro e em caráter temporário. O turismo ainda estava empregando muito pouco no município, ou seja, cerca de 1,2% sobre 6.681 pessoas que constituíam a população economicamente ativa do município (IBGE: 1998). O Seminário e o Hotel

Tureck Garten eram os estabelecimentos que mais empregavam pessoas, sendo que o Seminário tinha 12 pessoas trabalhando em caráter permanente e registrados em carteira, enquanto que o hotel empregava 17 pessoas, também registrados em carteira e em caráter permanente.

Todos os entrevistados da iniciativa privada vinham desempenhando atividades paralelas àquelas ligadas ao turismo, mesmo que de subsistência, pois não seria, para eles, possível viver de uma só atividade. A agricultura, de modo geral, subsidiou os empreendimentos com o turismo, no entanto, muitos dos entrevistados abandonariam o trabalho no campo se a atividade turística fosse capaz de suprir suas necessidades. Os depoimentos a seguir demonstram a importância do turismo para alguns desses proprietários que tiveram sua sobrevivência anterior garantida pela agricultura e buscam atualmente novas fontes de renda:

- *“A banana está se acabando. Corupá deveria só trabalhar com o turismo”.*

- *“Quero só investir no turismo, pois a banana não está mais dando lucro. Se investe muito e se ganha pouco. Se não fosse o turismo, nós já teríamos ido embora”.*

- *“Para muitos moradores que só dependem da banana, o turismo é uma alternativa de renda para nós e para a prefeitura que recolhe os impostos”.*

Apesar das opiniões desfavoráveis à agricultura, apontadas pelos empresários entrevistados, os investimentos no turismo em Corupá, foram e continuam sendo efetuados por agricultores. Atualmente, esses empresários têm com esta nova atividade um movimento financeiro médio bruto, mensal,

de aproximadamente R\$ 4.700 (março/99) por estabelecimento, sem incluirmos o Seminário, que não visava a obtenção de lucros. No entanto, temos que considerar que o Hotel Tureck Garten, segundo dados fornecidos pelo proprietário, apresentava uma receita de R\$ 20.000 (março/99) e uma despesa de R\$ 21.000 mensais, visto os constantes investimentos. Esse saldo negativo de R\$ 1.000 tinha sido suprido pela atividade agrícola desempenhada paralelamente pelo proprietário. Já a média dos demais estabelecimentos, sem o hotel, cai para R\$ 3.000 mensais brutos por estabelecimento (março/99). Conclui-se, portanto, que a agricultura ainda tem servido para alavancar o turismo no município. Os empreendimentos, em sua maioria, foram feitos com recursos próprios, com exceção da Piscina de Águas Naturais, cujo proprietário conseguiu um empréstimo junto ao Banco do Brasil.

Em relação a atuação do governo municipal, todos os entrevistados da iniciativa privada apontaram haver, com a atual administração, uma maior preocupação com o turismo do que em gestões anteriores. No entanto, consideram que a atenção dada ao turismo ainda não é satisfatória. Muitos dos proprietários de estabelecimentos ligados ao turismo acharam que a prefeitura ainda não está correspondendo com o seu papel. Apenas dois empreendimentos receberam isenção fiscal e, mesmo assim, os proprietários alegaram que foi por pouco tempo. Enquanto as indústrias, que pretendem se instalar em Corupá, recebem isenção fiscal por 5 anos, os empreendimentos ligados ao turismo receberam, segundo os proprietários, isenção por apenas 2 anos.

Poucas obras de cunho turístico foram feitas pela prefeitura em benefício de outros empreendimentos que não os próximos ao Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella. A divulgação do turismo em Corupá também é feita, geralmente, em torno do parque.

Todos os proprietários entrevistados mostraram interesse em ampliar seus empreendimentos. Dentre outros, podemos citar a transformação da lanchonete em um restaurante pelo proprietário das Piscinas de Águas Naturais, além da construção de piscinas infantis, ampliação da área de banho dos adultos e instalação de equipamentos para o tratamento da água. Na Prainha da Oma, o proprietário está planejando a construção de churrasqueiras e pretende cobrar entrada para a trilha que dá acesso a três cachoeiras. O Restaurante Cachoeiras, próximo ao estacionamento do parque, está construindo um segundo restaurante nas imediações do parque, criando também uma área de camping e um pesque – pague. Essas obras deverão estar prontas em setembro de 1999. O Pesque – Pague do Zico, primeiro estabelecimento do gênero em Corupá, possui lagoa para pescaria, campo de futebol de areia, bar e lanchonete e aos domingos serve almoço. O proprietário tem projetos para fazer uma piscina, construções fechadas para o inverno e uma trilha para o Morro do Boi que estava parada por falta de apoio de vizinhos e da prefeitura. Enfim, o Pesque – Pague Lauro Borchardt pretende ampliar sua área de estacionamento, construir uma área de camping e um pequeno restaurante para atender aos finais de semana.

A ampliação destes empreendimentos tem por finalidade oferecer melhor infra-estrutura para os visitantes, além da diversificação das

atividades e garantia de maiores rendimentos para os proprietários. Dessa forma os problemas enfrentados com a sazonalidade poderão ser amenizados. Esta tem afetado 50% dos empresários entrevistados, tanto no ramo da agricultura como no do turismo. Já para os outros 50%, estes não vêm em suas atividades (hotel, pesque - pague e seminário) grandes problemas com a sazonalidade.

O turismo foi considerado por todos os proprietários como uma atividade viável e relevante para o crescimento econômico de Corupá, como de qualquer outro município. Julgaram, porém, que as autoridades municipais deveriam dar mais valor ao turismo, possibilitando que outras famílias também possam dele se beneficiar, apontando como pontos positivos o crescimento econômico do município, o aumento na renda da população local, o fato de evitar o êxodo rural e a geração de empregos.

Todos os empreendedores concordaram que o turismo pode ajudá-los a melhorar sua renda, como também a de outras famílias, além de gerar divisas para a prefeitura.

5.4 – O Poder Público

Semelhante ao realizado com os visitantes e moradores locais, também entrevistamos o poder público municipal a respeito de seus pontos de vista, pretensões e planos sobre a atividade turística em Corupá.

O atual prefeito municipal mostrou-se preocupado com a nova atividade que surgiu em Corupá. Contudo, apontou que as primeiras

preocupações sempre tem sido dirigidas à educação, saúde, segurança e agricultura.

Além destes investimentos em serviços básicos à população, a prefeitura incorporou o turismo à sua administração. Com relação aos incentivos dados a esta atividade, o poder municipal efetuou alguns serviços como terraplanagem, drenagem e incentivos fiscais. Segundo o prefeito, apesar de investirem no turismo, muito pouco aparece aos olhos da população local e dos visitantes. Um exemplo disto está no Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella, que apesar de não pertencer à prefeitura, tem recebido mensalmente desta, cerca de R\$ 3.000, sem aparentes modificações. Além destes serviços e investimentos financeiros, a prefeitura municipal, juntamente com a empresa Modo Battistella de Reflorestamento S.A., criou a Associação de Preservação e Ecoturismo “Rota das Cachoeiras”, em 17 de fevereiro de 1999. Essa associação tem como objetivos a administração do Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella, a conservação e a preservação ambiental. Os recursos dessa associação são gerados pela venda de ingressos, prestação de serviços e promoções, produtos de operação de crédito, rendimentos dos imóveis existentes – arrendamento ou aluguéis, captação de incentivos fiscais e doações, além das contribuições feitas pelos associados.

Com esta associação, os membros responsáveis pelo parque passaram a ter autonomia econômica e amparo legal para decidir sobre possíveis melhorias, arrecadações de verbas e investimentos na área em questão. Ocorre aí uma preocupação com a melhoria da atual infra-estrutura oferecida aos visitantes (Foto 11), com o fim de melhor atendê-los.

FOTO 11

Estruturas no Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella.



GILIO GIACOMOZZI Jr. – 23/03/99

O estacionamento do parque é parte da infra-estrutura proporcionada ao visitante. Atualmente tem preocupado os responsáveis, tendo em vista a falta de racionalidade na disposição das vagas.

Esta associação tem, ainda, por finalidade básica a preservação do meio ambiente, mostrando, portanto, as primeiras preocupações efetivas com relação à degradação que a atividade pode causar à natureza e as quais já haviam sido apontada em trabalho anterior por GIACOMOZZI & VALDATI (1995). Os principais problemas enfrentados referem-se ao roubo de palmito nas áreas do parque, bem como ao lixo produzido pelos visitantes e ao uso indevido das trilhas. Os visitantes desviam-se do percurso original, fazendo atalhos, pisoteando a vegetação herbácea, deixando o solo exposto e acelerando o processo erosivo que já é visível nesses cortes ou atalhos.

Apesar de incipiente, verificamos que o turismo vem preocupando as autoridades com relação aos possíveis impactos negativos já apontados, assinalando que a atividade turística, quando não bem planejada, pode também trazer malefícios.

Em nível municipal, o prefeito está procurando estender os benefícios do turismo a outras famílias. Existe um projeto de camping com piscina numa propriedade rural, no caminho para o parque. Para tal empreendimento, a prefeitura dispõe-se a fornecer o aterro e a drenagem do terreno. Além disto, o poder municipal pretende criar um café colonial na comunidade de Guarajuva, onde a prefeitura possui um imóvel em estilo alemão (enxaimel). Os agricultores dessa comunidade também fizeram um curso de agricultura orgânica, no qual aprenderam a cultivar produtos sem o uso de agrotóxicos, a fim de vendê-los para os visitantes. A prefeitura ajudou a pagar parte deste curso. Existem, ainda, sete famílias interessadas em fazer pousadas, pesque – pague e comercializar produtos agrícolas e artesanais nesta mesma comunidade.

Visto a valorização dada pelos turistas à natureza e à tranquilidade do campo, esse novo investimento pode ser a busca de uma nova forma de turismo, ou seja o turismo agrícola. Este consiste em colocar o visitante em contato com a agricultura, fazendo com que este tome conhecimento no processo de produção, além de poder consumir produtos naturalmente cultivados nessas propriedades.

Além dos projetos de ampliação e incentivos dados ao turismo, existe também uma preocupação com as principais deficiências apontadas pelos turistas: falta de placas indicativas nas estradas do município; falta de algumas placas de orientação dentro do parque (Foto 12); ausência de uma manutenção mais freqüente dos acessos que ligam aos potenciais turísticos; carência nas divulgações dos atrativos e ausência de um centro de informações turísticas.

O prefeito manifestou-se de maneira favorável à importância do turismo para o município e admitiu a existência de tais deficiências apontadas pelos turistas. Julgou que o mesmo não vai funcionar a contento, enquanto não houver a conscientização da comunidade com relação aos benefícios oferecidos pela atividade turística. No entanto, reforçou sua opinião a respeito da importância do turismo, com as seguintes palavras:

“O turismo é importantíssimo para Corupá, porque é uma forma de se utilizar o potencial natural para adquirirmos conhecimentos e revertermos em recursos. Conciliar a natureza com os recursos. É também uma forma de evitar o êxodo rural, dando condições para que os colonos continuem em

FOTO 12

As Reivindicações dos Turistas



GILIO GIACOMOZZI Jr. – 23/03/99

Sem informações muitos turistas deixam de visitar todos os atrativos. A falta de atenção pode afastar o principal responsável por essa atividade: o visitante.

suas propriedades. No entanto, o turismo vem agregar como mais uma opção e não como fonte de renda única”.

Além do prefeito, o Secretário de Turismo, Agricultura e Meio Ambiente do município apontou que existem ainda, com relação ao turismo, outras dificuldades. Ele acrescentou, por exemplo, a falta de uma secretaria específica para o turismo com uma pessoa habilitada no assunto e conhecedor desta problemática, uma vez que ele está mais familiarizado com a agricultura. O secretário destacou três passos importantes no crescimento do turismo, conforme o depoimento abaixo:

“Acredito que inicialmente deveríamos formar uma comissão, para daí elaborarmos um plano de turismo. Deve haver também um fundo municipal destinado ao turismo. As verbas que as vezes são destinadas ao turismo, são na verdade, verbas que deveriam atender outros setores. Acredito que com esses passos, o município possa pensar melhor o turismo”.

Essa visão do poder público local mostra a expectativa que gira em torno do turismo no município. Apesar de entenderem que o turismo não deve substituir a agricultura, vêem na atividade turística uma importante fonte de renda, sem questionar os problemas que a mesma possa causar, ou mesmo sem planejá-la antecipadamente. Observamos, ainda, uma despreocupação com relação à coleta de informações de demanda, infra-

estrutura e potenciais existentes, entre outras, muito importantes num planejamento.

Esse fato também foi constatado junto à Santa Catarina Turismo (SANTUR) e à própria prefeitura, onde encontramos poucos dados referentes ao turismo em Corupá. Não existem dados adequados com relação a demanda, infra-estrutura ou mesmo potencial existente. Os poucos dados encontrados estão incompletos ou, até mesmo, errados.

Portanto, cabe aos dirigentes do município de Corupá, enviar informações corretas à SANTUR para que possa haver um melhor conhecimento das potencialidades, bem como de toda a estrutura existente. Com a participação da prefeitura e da SANTUR, a divulgação poderá ser feita de maneira mais eficiente, o que atualmente ocorre de forma restrita.

A SANTUR teve a oportunidade de promover as atrações do Estado no 23º Salão Profissional de Turismo, realizado nos dias 18 e 19 de maio de 1999 em São Paulo, conforme reportagem do Diário Catarinense (14/05/99: 16). Isso demonstrou mais uma vez, que os dados não devem ficar estanques no município.

Nesse sentido, o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Santa Catarina (SEBRAE) vem realizando um diagnóstico dos municípios com potencial turístico, conforme reportagem apresentada no Jornal A Notícia (18/05/99: A-09). O Programa Estadual do Serviço Turístico Organizado (PRESTO), analisará o potencial dos municípios, a infra-estrutura e fará um levantamento histórico – cultural. Esse programa, inicialmente, estudará 5 municípios da região norte do estado, para futuramente, estender-se a toda Santa Catarina.

Em nível nacional, Corupá também está incluído entre os municípios com potencial turístico. Para requerer fundos junto ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), no ramo de turismo, o município deve estar inserido neste grupo. Atualmente, somente o proprietário da Piscina de Águas Naturais solicitou verbas junto a essa instituição. Tendo seu pedido aprovado, ele já vem investindo com fundos provenientes desse Banco.

Quanto ao turismo integrado, os municípios de Jaraguá do Sul, Guaramirim, Schroeder, Corupá, Massaranduba e Pomerode realizaram, em 1993, um levantamento das potencialidades existentes nos municípios, bem como avaliaram as estruturas locais, procurando definir um roteiro turístico, além de discutirem formas de promover o turismo integrado. Desse projeto feito em 1993, pouco foi feito efetivamente.

Atualmente, o município de Corupá que pertence à Associação dos Municípios do Vale do Itapocú (AMVALI), tem feito pouco pelo turismo integrado, apesar das reuniões esporádicas feitas pela associação, cujo presidente é o prefeito de Corupá.

A seguir teceremos as considerações finais, apontando a importância de um planejamento para o turismo, sugestões dos visitantes, bem como, algumas propostas nossas para reflexão das autoridades responsáveis de Corupá.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entusiasmo surgido com as atividades ligadas ao turismo e lazer, vem provocando na população, de modo geral, uma imagem equivocada em relação à nova atividade. O turismo é um fenômeno econômico, político, social e cultural, ou seja abrange de muitas maneiras a todos os envolvidos. Como fenômeno econômico, este representa para a população de Corupá uma fonte alternativa de renda. Assim, com as dificuldades encontradas pelos moradores na agricultura, pois dela tiram seu sustento e com o intuito de complementar seus ganhos, passaram a enxergar na atividade turística uma saída para seus problemas financeiros.

Dessa forma, excetuando-se o Hotel Tureck Garten, a principal classe social envolvida com o turismo, constitui-se de pequenos produtores agrícolas. Pelas entrevistas realizadas e através dos questionários aplicados, observou-se que pouquíssimas pessoas viram nessa atividade algum malefício. Essa posição de defesa do turismo, ou mesmo de desconhecimento do possível lado prejudicial existente, pode ser um reflexo dos discursos apologéticos e da falta de uma visão crítica.

As mudanças espaciais vêm ocorrendo lentamente com relação à atividade turística. As alterações podem ser mais bem visualizadas na proximidade do Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella, onde anteriormente existia uma pequena comunidade de agricultores. Aos poucos foi surgindo uma estrutura embrionária e, após dez anos da criação do parque, observa-se uma perceptível mudança. Estas alterações, também

foram observadas em outras comunidades do município e, apesar de em menor escala, vêm se ampliando gradualmente.

Os discursos em incentivo ao turismo em Corupá, geralmente, têm mostrado somente o Seminário e o Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella. As demais localidades ficam, em parte, esquecidas. A divulgação, a infra-estrutura, enfim, a atenção, gira em torno desses atrativos, enquanto que outros potenciais ficam abandonados ou até esquecidos, mesmo pelos moradores locais. O turismo em Corupá é um evento recente e deve ser verificado com cautela. Apesar da variedade do potencial existente no município, observamos que a grande maioria não dispõe de infra-estrutura suficiente e os próprios moradores sentem a dificuldade de acesso e transporte para esses locais.

Já com relação aos benefícios gerados pela atividade turística, verificamos que ainda são poucos, favorecendo somente algumas famílias e gerando um número reduzido de empregos. Em média, os rendimentos advindos deste setor são baixos, exigindo a diversificação de atividades. Essa realidade mostra aos envolvidos que o turismo, assim como outros ramos econômicos, não é “milagroso” com retorno financeiro imediato.

Os serviços de alimentação oferecidos no município foram os que apresentaram um maior crescimento, enquanto o setor de hospedagem ainda não tem registrado um grande número de turistas. Isto se deve ao fato das pessoas que vêm a Corupá, permanecerem, em sua maioria, menos de um dia no local. No entanto, os hotéis constituem uma infra-estrutura necessária a um município que pretende desenvolver o turismo. Para tanto,

são necessários planejamentos prévios em relação a demanda e investimentos em publicidade.

Assim como os restaurantes e os hotéis, a acessibilidade aos potenciais também é de extrema importância para essa atividade, bem como a criação de um centro de informações aos visitantes. O município possui, atualmente, carências de vias de acesso de qualidade para os atrativos, além da falta de placas indicativas e de um centro de informações. Apesar dos planos da prefeitura em resolver essa situação, fica a sugestão da recuperação do acesso que liga o parque à BR 280, na localidade de Rio Mandioca, no município de São Bento do Sul, diminuindo em aproximadamente 22 Km o percurso para os visitantes que vêm do norte pela citada rodovia.

Ressaltemos que os potenciais turísticos do município, bem como de seus arredores, resultam, tanto da natureza social, ou seja, são socialmente produzidos através do trabalho, como também advêm da primeira natureza, a natureza “não alterada” pelo homem. No caso de Corupá, essa primeira natureza exerce atualmente maior atrativo. Com vistas a isso e, também ao grande número de produtores rurais que procuram uma nova alternativa de renda, cabe à prefeitura municipal avaliar cuidadosamente a viabilidade dessa nova atividade, antes de se estender o turismo para outros pontos do município, a fim de se evitar os efeitos negativos dessa atividade. Com tais precauções, poderá proporcionar uma melhoria de renda para população local. Ressaltemos que essa renda poderá ser ampliada, ainda, através de outras modalidades de turismo como, por exemplo, o agroturismo. Esta modalidade poderá ser incrementada, tendo em vista ser a agricultura a

atividade preponderante no município. Além de poder proporcionar uma alternativa de renda para os moradores, o agroturismo poderá ser uma forma alternativa de visitação para um determinado público específico. Com a citada opção, ou seja, o agroturismo, este poderá se constituir em atrativo para significativa parcela dos visitantes. Neste sentido muitos dos entrevistados empreenderam a viagem buscando descanso e fuga da agitação dos centros urbanos. Assim, o agroturismo poderá colocar estas pessoas em contato com a tranquilidade da vida no campo, onde será possível observar ou mesmo participar da ordenha de uma vaca ou do processo de produção agrícola. Outro incentivo a ser dado pelos governantes locais poderá ser no sentido de comercializar os produtos locais. Para isso, poderão ser feitos cafés coloniais em construções tipicamente alemães, como já vem sendo pretendido pela prefeitura.

Atualmente, o ecoturismo tem se mostrado ser o segmento mais viável para o município, visto os atrativos principais serem morros, escarpas e cachoeiras. A maior parcela dos visitantes do Parque Ecológico possuía idade entre 20 e 29 anos, sugerindo possivelmente que este tipo de atividade requer maior resistência física. Observou-se que dos visitantes entrevistados no Parque Ecológico, muitos não conseguiram realizar a caminhada até o final, pois as trilhas são íngremes. Neste sentido a Associação de Preservação e Ecoturismo “Rota das Cachoeiras”, poderia organizar exposições de fotografias e vídeos para os interessados, visto a existência de uma construção na área do parque que poderá ser utilizada para esta finalidade.

A euforia por uma nova fonte de renda acaba por “enterrar” etapas como a do planejamento e desconsidera os fatores negativos que podem advir, porventura, com o turismo. Ao mesmo tempo que esta atividade pode preservar o meio ambiente e o patrimônio histórico, além de promover o intercâmbio cultural, também pode segregar os povos, alienar o homem, destruir seus valores socioculturais, entre outros malefícios.

Cabe portanto ao poder público planejar a atividade turística, realizando estudos pormenorizados sobre a existência ou não da demanda, tipo de visitante que frequenta o município, levantar os potenciais de Corupá, verificar a viabilidade econômica da atividade, elaborar e executar projetos de infra-estrutura com estudos prévios, identificar os tipos de serviços mais utilizados pelos visitantes, observar as épocas de menor visitação e propor formas alternativas de turismo, entre outros.

O poder público deve assegurar, antes de mais nada, a segurança dos investidores locais. Tendo em vista que alguns moradores têm se mostrado interessados nessa nova atividade, caberá à prefeitura dar apoio aos interessados. Apesar dos rendimentos gerados com o turismo ainda serem poucos, estes tem ficado com a comunidade local.

Em termos de sugestão, a prefeitura poderá criar uma comissão de estudo sobre a viabilidade turística e realização de um planejamento prévio da instalação de equipamentos, com a abertura de novos atrativos que dinamizem o turismo. Essa equipe de planejamento poderá estar ligada à associação recém criada. Com isso, as questões referentes ao turismo poderão ser contempladas, não somente ao Parque Ecológico, mas

estendido a outras comunidades do município com potencial turístico e interesse de investimentos na atividade.

No entanto, num planejamento, torna-se importante a participação da população local, dos interessados diretamente na nova atividade, a fim de se tomarem decisões sobre a utilização dos recursos, prioridades, riscos, entre outros assuntos ligados ao turismo. Procura-se com isso, evitar a tomada de decisões centralizada. Todos os envolvidos no processo devem estar conscientes que o benefício, em primeiro lugar, deve ser da comunidade local. Essa conscientização coletiva poderá melhorar a qualidade de vida dos habitantes e assegurar o desenvolvimento econômico com a preservação ambiental e cultural. No entanto, muitas vezes isso pode não ocorrer devido aos jogos de interesses que não raramente envolvem o poder público.

Com relação a criação de uma secretaria de turismo, em Corupá, acreditamos que esta seja dispensável. Entretanto, torna-se importante que se tenha pelo menos uma pessoa familiarizada com o turismo, a fim de realizar os projetos, planos e planejamentos, juntamente com o atual secretário. As informações levantadas deverão ser enviadas a outras instituições ligadas ao turismo, com a finalidade de divulgar o município, além de servirem de suporte para possíveis estudos e planejamentos futuros.

Sobre os investimentos da prefeitura, concordamos que a prioridade deva ser dada a educação e à saúde. Entretanto, sugerimos a criação de um fundo de reservas para o turismo, tal como foi mencionado pelo responsável do setor turístico. Essas verbas não precisam necessariamente

sair de outros setores. A exemplo da associação criada para administrar o parque, a prefeitura poderia estender essa iniciativa a todo município, através de eventos elaborados de forma criativa, que poderiam recolher fundos que reverteriam ao turismo, evitando assim a utilização de verbas destinadas a outros setores.

Outro ponto importante a ser discutido pelo poder público local relaciona-se a retomada das discussões do turismo integrado com os municípios vizinhos. Acontece que os potenciais de um único município podem não exercer atração suficiente para a promoção do turismo. Com a integração entre municípios poder-se-ia elaborar um roteiro que apresente diversidade maior de atrativos, bem como de serviços a serem prestados aos visitantes. A divulgação dos potenciais poderia ser feita em parceria. Visto a complexidade que envolve o turismo, os benefícios gerados com essa atividade não se restringem a um determinado espaço, ou seja, suas relações extrapolam fronteiras e podem beneficiar outros municípios. Assim um turista que venha visitar o Seminário, por exemplo, poderá almoçar em Corupá, se hospedar em Jaraguá do Sul, além de ter uma variedade maior de atrativos a serem conhecidos. Caberá, porém, aos representantes destes municípios estudar a viabilidade desta integração.

Enfim, este trabalho procurou verificar as mudanças espaciais decorrentes da atividade turística e alertar sobre as contradições existentes nesta nova atividade, conforme os objetivos propostos. Este trabalho poderá proporcionar subsídios à Prefeitura Municipal de Corupá, no sentido de haver estudo e planejamento de maneira cautelosa e coerente com essa atividade, procurando evitar os efeitos negativos decorrentes da

má utilização dos recursos disponíveis. Nesse sentido, esperamos prestar assessoria nos estudos pormenorizados da viabilidade turística do município. Atualmente, o turismo apresenta-se em fase inicial, no entanto, tem despertado interesse dos moradores de maneira geral, bem como dos municípios vizinhos. Contudo, o turismo já tem mostrado alguns efeitos negativos, devido à falta de um planejamento criterioso.

7 – REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BARRETO, Margarita. (1997). **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. 2ª ed. Campinas, SP. Ed. Papirus – 155p.
- CASTELLI, Geraldo (1990). **Turismo: Atividade Marcante do Século XX**. 3ª ed. Caxias do Sul, RS. Ed EDUCS – 180p.
- CORRÊA, Roberto Lobato. (1990). **Região e Organização Espacial**. 3ª ed. São Paulo, SP. Ed. Ática – 93p.
- DUMAZEDIER, Joffre (1979). **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo, SP. Ed. Perspectiva – pp. 88 – 92.
- EMBRATUR / MICT / SETS. (1995). **Programa Nacional de Municipalização do Turismo** – 217p.
- GIACOMINI Filho, Gino (1998). A Publicidade do Turismo no Contexto da Competitividade. In: **Revista Turismo: Visão e Ação** V.1 ANO I Jan / Jun Revista Científica do Mestrado em Turismo e Hotelaria / UNIVALI Balneário Camboriú, SC – pp. 61 – 73.
- GIACOMOZZI Jr., Gilio & VALDATI, Jairo (1995). **Estudo do Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella**. Relatório final de pesquisa. Florianópolis, SC 112p.
- HARVEY, David (1992). **Condição Pós – Moderna**. 6ª ed. São Paulo, SP. Ed. Loyola – 326p.
- IBGE. (1998). **Base de Informações Municipais [CD ROM]** Rio de Janeiro RJ: FIBGE, 1998.
- Jornal A Notícia. **Projeto Inédito no Sul Preserva Pássaros**. Joinville, SC 13 de maio de 1999 – p. B-3.

Jornal A Notícia. **Associação quer Preservar as Cachoeiras de Corupá.**

Joinville, SC. 18 de Fevereiro de 1999 – p. A-9.

Jornal de Santa Catarina. **Rota das Cachoeiras passa a ser Protegida por**

Fundação Blumenau, SC. 18 de Fevereiro de 1999. – p. 7-B.

Jornal Diário Catrinense. **Turismo Catarinense em São Paulo.**

Florianópolis, SC. 14 de maio de 1999. – p. 16.

KORMANN, José. (1985). **Hansa Humboldt ontem, hoje Corupá.**

Baseado no Arquivo de Gerrhardt Hermann – Corupá, SC.- 219p.

KRIPPENDORF, Jost. (1989). **Sociologia do Turismo.** Rio de Janeiro,

RJ. Ed. Civilização Brasileira – 235p.

MARX, Karl. (1987). **Manuscritos Econômico – Filosóficos e outros**

Textos Escolhidos. São Paulo, SP. Ed. Nova Cultural

(Os Pensadores) - 215p.

OURIQUES, Helton Ricardo. (1996). **Turismo em Florianópolis: Uma**

Crítica à “Indústria Pós – Moderna”. Dissertação de Mestrado em

Geografia – UFSC. Florianópolis, SC. – 171p.

_____. (1998). **Turismo em Florianópolis: Uma Crítica à**

“Indústria Pós – Moderna”. Florianópolis, SC. Ed. da UFSC – 150p.

PAIVA, Maria das Graças M. V. (1995). **Sociologia do Turismo.** Campinas,

SP. Ed. Papirus – 83p.

PÉREZ, Amparo Sancho. (1995). **Educando Educadores em Turismo.**

Publicado por la Organizacion Mundial del Turismo com el Instituto de

Turismo Empresa y Sociedad y la Universidad Politécnica de Valência.

España – 347p.

- PIRES, Paulo dos Santos.(1998). A Dimensão Conceitual do Ecoturismo. In: **Revista Turismo: Visão e Ação**. V. 1 ANO I Jan / Jun. Revista Científica do Mestrado em Turismo e Hotelaria / UNIVALI. Balneário Camboriú, SC. pp. 75 – 91.
- Revista Mares do Sul. Florianópolis, SC. ANO 4, nº 18, Outubro de 1997 pp. 114-119.
- RODRIGUES, Adyr Balastrieri. (1997). **Turismo e Espaço: Rumo a um Conhecimento Transdisciplinar**. São Paulo, SP. Ed. Hucitec – 158p.
- _____. (1999). **Turismo e Geografia: Reflexões Teóricas e Enfoques Regionais**. São Paulo, SP. Ed. Hucitec – 272p.
- SANTOS, Milton. (1994). **Metamorfose do Espaço Habitado**. 3ª ed. São Paulo, SP. Ed. Hucitec – 124p.
- SILVA, Eunice Assini da. (1997). **Turismo no Litoral de Santa Catarina – Atratividade e Tendências**. Dissertação de Mestrado em Ciências, na Área de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP. – 210p.
- SILVA, Lenyra Rique da.(1991). **A Natureza Contraditória do Espaço Geográfico** São Paulo, SP. Ed. Contexto – 96p.
- SILVEIRA, Marco Aurélio T. (1997). Turismo, Território e Globalização: Considerações sobre o Mercosul. In: **Revista RA'E GA: O Espaço Geográfico em Análise**. ANO I, nº 01, Agosto – 97. Departamento de Geografia / UFPR Curitiba, PR. – pp 01-165.
- TRIGO, Luiz Gonzaga G. (1998). **A Sociedade Pós – Industrial e o Profissional em Turismo**. Campinas, SP. Ed. Papyrus – 248p.

World Tourism Organization (1999). **Tourism Highlights**. Madrid, Spain. –
17p.

8 - BIBLIOGRAFIA

- BOUHDIBA, Abdewahad. Turismo de Massa e Tradições Culturais. O **Correio da Unesco**. Rio de Janeiro, RJ. 09 de Abril de 1981. – pp. 4-8.
- CORRÊA, Roberto Lobato et alli (1995). **Geografia Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro, RJ. Ed. Bertrand Brasil – pp. 07-162.
- CORRÊA, Roberto Lobato et alli. (1997). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro, RJ. Ed. Bertrand Brasil – 367p.
- DOWBOR, Ladislau. (1987). **Introdução ao Planejamento Municipal**. São Paulo, SP. Ed. Brasiliense – 127p.
- DUTRA, Luiz Henrique de A. (1998). **Introdução à Teoria da Ciência**. Florianópolis, SC. Ed. Da UFSC – 150p.
- FALCÃO, José Augusto Guedes. (1992). **Turismo Internacional no Rio de Janeiro: Mecanismos de Circulação e Transferência de Renda**. Dissertação de Mestrado em Geografia – UFRJ. Rio de Janeiro, RJ. – 239p.
- GIACOMOZZI Jr., Gilio (1995). **Alterações da Cobertura Vegetal ao Longo do Rio Novo, Corupá / SC, entre 1958 e 1995**. Trabalho de Conclusão do Curso de Geografia –UFSC. Florianópolis, SC – 50p.
- LINS, Hoyedo Nunes. et alli (1994). **Diagnóstico e Prognóstico de Atividades Turísticas em Santa Catarina**. Florianópolis, SC. – 285p.

- MADRUGA, Antônio Moacyr. (1992). **Litoralização: Da Fantasia de Liberdade à Modernidade Autofágica**. Dissertação de Mestrado em Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP. – pp. 01-16.
- MARANHÃO, Vinícius de Albuquerque. (1996). **Pantaneais Mato – Grossenses: Da caça e Pesca ao Ecoturismo. Análise do Desenvolvimento Turístico**. Dissertação de Mestrado em Geografia – UFRJ. Rio de Janeiro, RJ – 136p.
- MARTINS, Maria Helena Pires. et al. (1986). **Filosofando: Introdução à Filosofia** São Paulo, SP. Ed. Moderna – 443p.
- PRODETUR / SUL (Programa de Desenvolvimento da Infra-Estrutura Básica do Turismo na Região Sul) 1996. **Oferta, Demanda e Infra-Estrutura Turística de Santa Catarina**. Vol. I – 83p.
- RICHTER, Klaus. (1992). **A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a Colonização do Interior de Joinville e Blumenau**. 2ª ed. Florianópolis, SC. Ed. Da UFSC e Ed. da FURB – 107p.
- RODRIGUES, Adyr Balastrieri. (1997). **Turismo e Ambiente Reflexões e Propostas**. São Paulo, SP. Ed. Hucitec – 177p.
- _____. (1997). **Turismo Desenvolvimento Local**. São Paulo, SP. Ed. Hucitec 207p.
- _____. (1997). **Turismo Modernidade e Globalização**. São Paulo, SP. Ed. Hucitec – 218p.
- SANTOS, Milton. (1985). **Espaço e Método**. São Paulo, SP. Ed. Nobel – 88p.

- SANTUR / SUDESUL. (1989). **Inventário da Oferta Turística do Estado de Santa Catarina – Corupá.** 12p.
- SEBRAE / UFSC / FEPESE (1997). **Turismo em Santa Catarina: Diagnóstico 1996 – Oportunidade de Negócio.** 401p.
- SILVA, Emílio da (1975). **Jaraguá e Corupá – Um Capítulo na Povoação do Vale do Itapocú.** 385p.
- SILVEIRA, Marco Aurélio T. da (1992). **Turismo e Natureza: Serra do Mar no Paraná.** Dissertação de Pós – Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP. – 225p.
- VALDATI, Jairo (1995). **Parque Ecológico Emílio Fiorentino Battistella – Corupá SC: Contribuições ao Manejo.** Trabalho de Conclusão do Curso de Geografia da UFSC. Florianópolis, SC. – 111p.
- YÁZIGI, Eduardo. et alli (1996). **Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura.** São Paulo SP. Ed. Hucitec – 238p.
- YASOSHIMA, José Roberto (1997). **A Qualidade na Prestação dos Serviços Turísticos.** Dissertação de Mestrado do Curso de Pós– Graduação em Ciências Área de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP. – 207p.